

INTRODUÇÃO À GNOSIS

(PRIMEIRO GRAU)

ELOHIM

Senhor, Vós tendes sido refúgio
Através das gerações.

Antes que existissem os montes
E formastes a Terra e o Mundo,
Através dos séculos,
Vós sois *Elohim*.

Retornais ao homem até ele ser quebrantado
E dizeis: convertei-vos, filhos dos homens!

Porque mil anos diante dos vossos olhos,
São como o dia de ontem que passou
E como uma das vigílias da noite.

Ensinais de tal modo a contar nossos dias
Que tragamos ao coração sabedoria.

Salmo XC, versículos 1, 2,3,4 e 12
(Oração de Moisés, varão de Deus).

PRIMEIRO GRAU DE INTRODUÇÃO À GNOSIS

Este é o grau de introdução aos estudos filosóficos gnósticos ou graus externos da *Gnosis*. É natural que todos os estudos comecem por este grau e logo continuem, com o segundo, terceiro e assim sucessivamente. Deve-se levar em conta que não são graus esotéricos gnósticos. Estes são recebidos pelos estudantes que estão preparados para recebê-los. Os graus esotéricos são os autênticos graus gnósticos, por isto não podem ser divulgados por ninguém que os tenha recebido, está proibido. Aquele que disser que possui tantos graus, tantas iniciações é um desonesto.

Se uma pessoa quer ser engenheiro, advogado, médico, entre outras profissões, precisa preparar-se para tal. A pessoa terá que freqüentar a escola e estudar muito. Depois que adquirir um bom conhecimento teórico da área específica, então começará a praticar tudo o que aprendeu. A prática traz a perfeição. Os grandes sábios, profissionais e cientistas não só chegaram a possuir um bom conhecimento teórico de suas respectivas áreas de estudo, como também levaram este conhecimento à prática.

Estude as lições deste curso, porém, com verdadeira motivação para conhecer e apreender a sabedoria superior. Lembre-se de que você precisa colocar em prática tudo o que aprendeu, se quiser chegar à perfeição da obra.

PRIMEIRA LIÇÃO

Triunfar na vida é necessário. Se você quer triunfar na vida, deve começar por ser sincero consigo mesmo. Reconhecendo seus próprios erros, você está no caminho para eliminá-los. Todo aquele que corrige seus erros triunfa, inevitavelmente.

O homem de negócios que culpa os outros por seus próprios fracassos e nunca reconhece seus próprios erros, jamais poderá vencer na vida. Lembre-se de que os grandes criminosos se consideram santos. Se visitarmos uma penitenciária, comprovaremos que nenhum ladrão ou criminoso se considera culpado. Quase todos dizem a si mesmos: “*sou inocente*”.

Não incorra no mesmo erro, tenha coragem de reconhecer seus próprios erros. Assim você estará evitando males maiores.

Quem reconhece seus próprios erros pode formar um lar feliz. O político, o cientista, o filósofo e o religioso que chegam a reconhecer seus próprios erros podem eliminá-los e vencer na vida.

Se você quer triunfar na vida, não critique o próximo. Quem critica os demais é débil, enquanto aquele que se autocritica de instante a instante é um colosso. A crítica é inútil porque fere o orgulho alheio e provoca a resistência da vítima que procura, então, justificar-se. A crítica produz uma reação inevitável contra seu próprio autor. Se você quer verdadeiramente triunfar, escute este conselho: **não critique ninguém!**

A pessoa que sabe viver sem criticar os demais não provoca resistência nem reações por parte do próximo e, conseqüentemente, cria um ambiente de êxito e progresso. Por outro lado, aquele que critica os outros se enche de inimigos. Temos que recordar que o ser humano está cheio de orgulho e de vaidade que produzem reações como: ressentimentos, ódios e outras. As pessoas criticadas sempre reagem. Concluímos, então, que, aquele que quiser corrigir os outros, deve começar corrigindo a si mesmo; o resultado é melhor e menos perigoso.

A Terra está repleta de neurastênicos que são críticos, irascíveis e intolerantes. As causas da neurastenia são muitas: impaciência, cólera, egoísmo, soberba, orgulho...

Entre o Espírito e o corpo existe um mediador: o sistema nervoso. Quando você estiver irritado devido ao cansaço causado por alguma tarefa que o aborreceu, é melhor fugir disso. Trabalhe intensamente, porém, com moderação e lembre-se de que o trabalho excessivo causa a fadiga. Se você não leva em conta a fadiga e continua com o trabalho excessivo, então, sobrevém a excitação. Quando a excitação se torna doentia, converte-se em neurastenia. É necessário alternar o trabalho com o descanso agradável para evitar a neurastenia.

Todo padrão que quer triunfar deve cuidar do perigo da neurastenia. O padrão neurastênico critica tudo e se torna insuportável. O neurastênico aborrece

a paciência e, como patrão, converte-se em verdugo de seus empregados. Os operários que trabalham sob as ordens de um patrão neurastênico e crítico terminam odiando o trabalho e o patrão. Nenhum trabalhador descontente trabalha com prazer. Muitas vezes as empresas fracassam porque os trabalhadores não rendem de forma eficiente, já que vivem descontentes.

O neurastênico, como operário ou empregado de um escritório, rebelase e acaba sendo despedido do trabalho. Todo trabalhador neurastênico procura uma ocasião para criticar o patrão. Todo patrão tem orgulho e vaidade e é claro que se sente ofendido quando seus empregados o criticam. O trabalhador que vive criticando o patrão termina perdendo o emprego.

Cuide de seu sistema nervoso, trabalhe com moderação. Divirta-se de forma salutar. Não critique ninguém e procure ver o que há de melhor em cada ser humano.

EXERCÍCIO PARA DOMINAR A IRA

Você se sente irritado e tomado pela ira? Está nervoso? Reflita um pouco e lembre-se de que a ira pode provocar úlceras gástricas. Você pode controlar a ira por meio do seguinte exercício de respiração: Aspire lentamente (não pela boca, mas pelo nariz, mantendo a boca fechada) o ar vital contando, mentalmente: 1, 2, 3, 4, 5, 6. Agora, retenha o ar contando: 1, 2, 3, 4, 5, 6. Depois, exale o ar muito lentamente pela boca contando mentalmente: 1, 2, 3, 4, 5, 6. Repita o exercício até que a ira passe.

SEGUNDA LIÇÃO

Um grande autor deduziu que o ser humano necessita de oito fatores importantes na vida: a saúde e a conservação da vida, alimento, sono, dinheiro e as coisas que o dinheiro compra, vida no “mais-além”, satisfação sexual, o bem-estar dos filhos e o sentimento da própria importância. Sintetizamos estes oito aspectos em três: **saúde, dinheiro e amor.**

Se você quer realmente adquirir estes três aspectos, deve estudar e praticar tudo o que este curso ensina. Mostrar-lhe-emos o caminho do êxito.

A FORÇA DO PENSAMENTO

É necessário que você saiba que existe uma força imensamente superior à eletricidade e à dinamite: **a força do pensamento**. Quando você pensa em algum amigo ou num membro de sua família, são projetadas ondas mentais pelo seu cérebro tais quais as de uma emissora de rádio. As ondas mentais também percorrem o espaço, chegando à mente da pessoa em quem estamos pensando. Os cientistas já começam a fazer experimentos com a força do pensamento e, logo, inventarão o telementômetro: instrumento utilizado para medir a força mental de uma pessoa. No futuro, a Ciência Ótica avançará um pouco mais e inventará o fotomentômetro: instrumento que permitirá ver e medir a força mental que o cérebro humano irradia.

Saiba que, assim como o ser humano tem uma mente, de igual forma, todo o Universo possui mente. Existe a mente humana e a “mente cósmica”. A Terra e o Universo são “mentes condensadas”. As ondas da “mente universal” saturam o espaço infinito. Quando um engenheiro vai edificar uma casa, a primeira coisa que faz é realizar o projeto mental, quer dizer, projeta a casa primeiramente na mente; depois faz o esboço no plano e, por último, cristaliza a casa materialmente. Assim, tudo o que foi construído existiu primeiro na mente. Não pode existir nada no mundo físico ou material no qual vivemos, sem antes ter existido no “mundo da mente”.

É necessário aprender a concentrar e projetar a mente com precisão e grande força. É necessário saber que concentrar a mente é fixar a atenção em uma só coisa. Quando você fixa a atenção mental e se concentra em um amigo que está distante, fique certo de que seu cérebro emite ondas mentais potentes que, inevitavelmente, chegarão ao cérebro de seu amigo. O importante é que você, realmente, concentre-se. É necessário que nenhum outro pensamento seja capaz de distraí-lo. Você deve aprender a concentrar sua mente.

Acreditamos que você, que está fazendo este curso, quer triunfar na vida: ter saúde, dinheiro e amor. Reflita um pouco... aprenda a direcionar a força do pensamento. Quem aprender a manejar a força do pensamento chegará com absoluta segurança ao triunfo, da mesma forma como a flecha atinge o alvo, guiada pela mão do exímio arqueiro. Lembre-se de que o mundo é um produto da mente. Você é o que é através de sua mente. Você pode transformar-se totalmente utilizando a força do pensamento. O pobre e miserável é assim porque assim o quer. Toda a sua pobreza e miserabilidade são sustentadas pelo seu próprio estado interno. O rico e poderoso é assim porque se fez desta forma. Cada um é o que quer ser através da força de sua mente, que projeta no mundo da “Mente Cósmica” o que quer ser. Os projetos da mente cristalizam-se fisicamente e, então, temos na prática uma vida rica ou miserável, feliz ou desgraçada. Tudo depende dos tipos de projetos mentais que são cristalizados. Assim como a nuvem se condensa em água e a água em gelo, igualmente se dá com a força mental: primeiro, nuvens (projetos); depois, água (circunstâncias,

desenvolvimento do projeto); e por último, o gelo duro (o projeto convertido em fatos concretos). Se o projeto for bem feito, com força suficiente, se os fatos, seu desenvolvimento e as circunstâncias forem corretos, o resultado será a condensação perfeita do projeto: a vitória.

Os fatores básicos para o triunfo de um projeto são três:

1º) Força mental. 2º) Circunstâncias favoráveis. 3º) Inteligência.

A FORÇA MENTAL

É impossível cristalizarmos um projeto (seja comercial ou qualquer outro) sem a força mental. É preciso que nossos estudantes aprendam a manejar a força mental, porém, é necessário que aprendam primeiro a relaxar o corpo físico. É indispensável saber relaxar o corpo para se conseguir a perfeita concentração do pensamento. Podemos relaxar o corpo sentados em uma cômoda poltrona ou deitados em posição de “homem-morto” (em decúbito dorsal, quer dizer, de costas, boca para cima, com os joelhos se tocando e os braços seguindo o corpo). Essa última posição é a melhor.

Imagine que seus pés são vaporosos e que deles escapa um grupo de anões. Imagine que as panturrilhas estão cheias de pequenos anões brincalhões que estão saindo um a um e que, conforme vão saindo, os músculos vão se tornando flexíveis e elásticos. Repita o mesmo exercício com os joelhos. Siga com os ossos do fêmur, órgãos sexuais, ventre, coração, garganta, músculos da face e da cabeça, sucessivamente, imaginando que anões saem de cada uma dessas partes do corpo, deixando os respectivos músculos completamente relaxados.

A CONCENTRAÇÃO DO PENSAMENTO

Quando o corpo está perfeitamente relaxado, a concentração do pensamento torna-se fácil. Concentre-se no negócio que você projetou. Imagine vivamente todo o negócio, as pessoas que se relacionam com o mesmo. Identifique-se, fale como se você fosse cada uma delas e diga, mentalmente, o que gostaria que elas dissessem para você. Esqueça-se de si mesmo e troque sua personalidade humana pela das pessoas, atuando como você gostaria que elas atuassem. Com isso, você determinará potentes ondas de pensamentos que atravessarão o espaço até chegar ao cérebro das pessoas relacionadas com o negócio. Se a concentração for perfeita, o triunfo será absoluto.

A LEI DO CARMA

A Lei do Carma é conhecida no Oriente e no mundo inteiro. Milhões de pessoas a conhecem porque é uma lei que opera em todo o Universo. Se você fizer mau uso da força do pensamento, a Lei do Carma cairá sobre você, que será terrivelmente castigado.

A energia mental é uma dádiva de Deus que só deve ser utilizada com bons propósitos e boas intenções. É justo que o pobre melhore sua situação econômica, porém, não é justo utilizar a força mental para prejudicar outras pessoas. Antes de fazer um trabalho mental para levar a cabo a cristalização de um projeto, reflexione e medite. Se você for utilizar a força mental para prejudicar os outros, é melhor que não o faça, porque o “raio terrível” da Justiça Cósmica, inevitavelmente, cairá sobre você, como um raio de vingança.

CIRCUNSTÂNCIAS FAVORÁVEIS

A ação e o pensamento devem marchar totalmente unidos. A cristalização de um projeto só é possível quando as circunstâncias são favoráveis. Aprenda a determinar as circunstâncias favoráveis para os seus negócios. Freud, o grande psicólogo, disse que tudo o que o homem faz na vida tem duas causas fundamentais:

1º) O impulso sexual. 2º) O desejo de ser grande.

Todo ser humano se move sob o impulso sexual e toda pessoa quer ser apreciada. Se você quer ser rodeado de boas circunstâncias para a cristalização de seus negócios, então reconheça as boas qualidades dos demais. Estimule as boas qualidades do próximo, não humilhe e nem despreze ninguém. É necessário estimular as pessoas em suas profissões, em seus trabalhos. Por meio do apreço e do estímulo, podemos entusiasmar todas aquelas pessoas que se relacionam conosco. Aprenda a elogiar sabiamente seus semelhantes, sem descambar na adulação. As pessoas se sentem reconfortadas com o alimento da estima. Seja cavalheiresco, não critique ninguém. Com isto, você formará um ambiente favorável para a cristalização dos seus negócios. A apreciação sincera dos méritos do próximo é um dos grandes segredos do êxito.

É necessário deixar o mau costume de ficar falando de si mesmo a cada instante. Urge empregar a palavra para fortalecer e alentar todas as boas qualidades do próximo. O estudante gnóstico deve deixar o péssimo hábito de ficar nomeando a si mesmo e viver contando, a cada instante, sua própria vida.

O homem ou a mulher que só falam de si mesmos tornam-se insuportáveis. Pessoas assim caem na miséria porque os demais se cansam delas.

Em nenhum momento diga: “eu”; fale sempre: “nós”. O termo “nós” tem mais força cósmica. O termo “eu” é egoísta e enfastia a todos aqueles que se põem em contato conosco. O *eu* é egoísta e precisa ser dissolvido. O *eu* é gerador de conflitos e de problemas. Repita sempre: nós, nós...

Todas as manhãs, antes de se levantar, diga com força e energia: **Nós somos fortes. Nós somos ricos e estamos cheios de sorte e de harmonia. OM, OM, OM.** Faça esta prece simples e terá êxito em tudo. Ponha grande devoção e muita fé nesta prece.

EXERCÍCIO

Dependure no teto de seu quarto um fio de seda com uma agulha em seu extremo. Concentre-se nessa agulha e trate de movê-la com a força do pensamento. Quando as ondas mentais se desenvolverem, você poderá mover a agulha.

Trabalhe dez minutos por dia com essa prática. No início, a agulha que está pendurada no fio de seda não se moverá, porém, com o tempo, você poderá ver que oscila e chega a mover-se fortemente. Esse exercício é para desenvolver a força mental. Lembre-se de que as ondas mentais viajam através do espaço e passam de um cérebro a outro.

TERCEIRA LIÇÃO

O grande advogado José M. Seseras disse o seguinte: *“Não há sorte nem desventura, êxito nem fracasso; tudo é vibração do éter. Aprendendo a utilizar os tattvas resolveremos, favoravelmente, todas as questões da vida”*.

Você necessita de um sistema científico infalível para conseguir dinheiro. Para tanto, precisa aproveitar as circunstâncias favoráveis para conseguir a cristalização de todos os seus projetos (sejam estes comerciais, sociais ou espirituais). Recorde que os *tattvas* são vibrações do éter. Nesta era do rádio, da televisão e dos foguetes teleguiados, resultaria absurdo negar a vibração do éter. Um grande sábio disse: *“A vida nasceu da radiação, subsiste pela radiação e se suprime por qualquer desequilíbrio oscilatório”*.

Você tem o direito de triunfar. O Espírito deve vencer a matéria e ninguém deve aceitar a miséria. Lembre-se de que a miséria é própria dos Espíritos fracassados. Quando o Espírito vence a matéria, o resultado é a luz, o esplendor, o triunfo completo no âmbito econômico, social e espiritual.

É necessário que você conheça a Lei da Vibração Universal. O estudo dos *tattvas* é importantíssimo. *Tattva* é um termo hindu que designa a vibração do éter. Agora os cientistas dizem que o éter não existe e que a única coisa verdadeira é o campo magnético. Também poderíamos dizer que não existe a matéria e que a única coisa real é a energia. Tudo isso é apenas uma questão de palavras ou termos. O campo magnético é o éter. “*Tudo vem do éter, tudo volta ao éter*”.

Sir Oliver Lodge, grande cientista britânico, disse: “*É através do éter e das diversas modificações do seu equilíbrio que surgem todos os fenômenos do Universo, desde a impalpável luz até as massas formidáveis dos mundos*”.

O PRANA

O prana é energia cósmica, movimento elétrico, vibração, luz, calor, magnetismo universal e vida. É a vida que palpita em cada átomo e em cada Sol. O prana é a vida do éter, a grande vida que se transforma em uma substância divinal de azul intenso, divina, denominada *akasha*. É uma substância maravilhosa que enche todo o espaço infinito e que, quando se modifica, converte-se em éter. É interessante saber que a modificação do éter se converte no que chamamos de *tattvas*.

O estudo das vibrações do éter (*tattvas*) é indispensável. Lembre-se de que os negócios, o amor, a saúde etc., são controlados pelas vibrações cósmicas. Se você conhece as leis vibratórias da vida e também os *tattvas*, poderá ganhar muito dinheiro. Recorde que o dinheiro, em si mesmo, não é bom nem mau, tudo depende do uso que você faz dele. Se você o emprega para o bem, é bom; se o emprega para o mal, é mau. Consiga muito dinheiro e o empregue para o bem da humanidade.

Existem sete *tattvas* principais que você deve aprender a manejar para triunfar na vida. Você necessita ser um triunfador. Nenhum gnóstico deve viver na miséria. É necessário que você conheça os nomes dos sete *tattvas* (cuja terminologia é sânscrita). Pode ser que lhe custe algum esforço para aprendê-los, porém, afirmo que bem vale a pena estudá-los para que você triunfe na vida.

NOMES DOS TATTVAS

Akasha é o princípio do éter. *Vayu* é o princípio etérico do ar. *Tejas* é o princípio etérico do fogo. *Prithivi* é o princípio etérico do elemento terra. *Apas* é o princípio etérico da água.

Existem dois *tattvas* secretos, conhecidos como *adi* e *samâdhi*, que vibram durante a aurora e são excelentes para a meditação interna. Através desses dois *tattvas*, consegue-se o êxtase, o samâdi. Não nos estenderemos agora sobre esta questão dos *tattvas* porque são de utilidade somente para estudantes muito adiantados.

HORÁRIO TÁTTVICO

A vibração dos *tattvas* começa com o horário do nascimento do Sol. Cada *tattva* vibra durante vinte e quatro minutos em períodos de duas em duas horas. O primeiro *tattva* que vibra é o *akasha*, depois, sucessivamente, *vayu*, *tejas*, *prithivi* e *apas*. A cada duas horas, volta a vibrar o *akasha*, repetindo-se a sucessão dos *tattvas*, na mesma ordem acima descrita. Os *tattvas* vibram de dia e de noite. É necessário saber a hora exata da saída do Sol. O Anuário Astrológico de Bucheli é um dos calendários que expressam a hora de saída do Sol para cada localidade da América Latina. Alguns diários e revistas, especialmente dos E. U. A., indicam a hora certa da saída do Sol. É útil, também, para esta finalidade, o Calendário de Galván. Os que quiseram o Anuário Americano de Bucheli podem pedi-lo no seguinte endereço: Sra. Elly de Bucheli, Casila # 1880, Santiago, Chile. Pode solicitá-lo também à Editora Kier S.A., Santa Fé 1260, 1059, Buenos Aires, Argentina.

PROPRIEDADES DOS TÁTTVAS

AKASHA: Seu período é bom exclusivamente para a prática de meditação. Aconselhamos que se faça muita oração durante o seu período. Não marque nenhum encontro de negócios nem de amor nesse período, porque fracassará, inevitavelmente. O *tattva akasha* nos induz a cometer erros gravíssimos. Se você trabalha durante este período, deve ser muito cuidadoso. Os artistas devem abster-se de trabalhar no período em que atua o *akasha*. Tudo o que começa em *akasha* fracassará. Esse é o *tattva* da morte.

VAYU: Tudo o que for relativo à velocidade e ao movimento corresponde ao *tattva vayu*, o princípio do ar. O ar, os ventos, tudo referente ao tráfego aéreo entre outros, acham-se relacionados com *vayu*. Durante o seu período, as pessoas se deleitam falando mal do próximo, enganando e roubando. Geralmente, os acidentes aéreos ocorrem nesse período e os suicidas são estimulados por *vayu*. Aconselhamos que não se case durante o período de *vayu*, porque o casamento será de curta duração. Todo tipo de negócio simples e rápido é muito bom que seja realizado em *vayu*, porém, os negócios

complicados e de longa duração fracassarão. O período de *vayu* é excelente para a realização de trabalhos intelectuais. Os grandes iogues controlam mentalmente esse *tattva* e o utilizam, inteligentemente, quando querem levitar ou flutuar no ar.

TEJAS: É um *tattva* quente porque é o princípio etérico do fogo. Durante o seu período de atividade, sente-se mais calor. Você pode banhar-se com água fria em *tejas* e não se resfriará. Não discuta com ninguém em *tejas* porque as conseqüências poderão ser graves, devendo aproveitá-lo para trabalhar intensamente. Não se case nesse período porque terá constantes desavenças com o cônjuge. As explosões e os acidentes mais terríveis acontecem durante o período de atividade desse *tattva*.

PRITHIVI: É o *tattva* do êxito na vida. Se você quer triunfar, realize seus negócios em *prithivi*. Se quiser ter boa saúde, coma e beba em seu período. Os casamentos que se realizam em *prithivi* são felizes por toda a vida. Toda festa, conferência, negócio ou encontro que se realize durante a atividade desse *tattva*, será completamente exitoso pela vida inteira. *Prithivi* é amor, caridade, benevolência.

APAS: É o princípio da água e o oposto de *tejas* (fogo). Esse *tattva* é maravilhoso para os negócios, para a compra de mercadorias. Você pode conseguir muito dinheiro se souber aproveitar esse *tattva*, inclusive jogar na loteria. As viagens por vias aquáticas, em seu período, são bem sucedidas. As chuvas que começam no período de *apas* costumam ser muito longas e fortes. Esse *tattva* opera concentrando e atraindo.

Lembre-se de que se necessita conhecer a hora exata da saída do Sol para orientar-se pelos *tattvas*. Tenha sempre um bom relógio de pulso ou de bolso e aproveite os *tattvas* nas atividades de sua vida prática.

PRÁTICA

Sente-se diante de uma mesa de frente para o leste, apóie os cotovelos sobre a mesa e proceda da seguinte maneira: Introduza os dedos polegares de ambas as mãos nos ouvidos; cubra os olhos com os indicadores; com os dedos médios, feche as fossas nasais e, com os anulares ou mínimos, sele os lábios. Inale o ar lentamente contando até vinte. Depois, retenha o alento e conte de um a vinte e, finalmente, exale lentamente contando também de um a vinte. É necessário retirar os dedos das fossas nasais para inalar e exalar, porém, durante a retenção do alento, os dedos médios devem fechá-las hermeticamente. É preciso que durante a retenção do ar, você procure ver os *tattvas* com o “terceiro olho” que se situa entre as sobrancelhas. No início, não verá nada, mas, depois

de algum tempo, poderá ver e reconhecer cada *tattva*, através de suas cores características. *Akasha* é de cor preta e seu planeta é Saturno. *Vayu* é de cor azul esverdeada e seu planeta regente é Mercúrio. *Tejas* é vermelho como o fogo e seu planeta é Marte. *Prithivi* é amarelo dourado e seu “planeta” é o Sol, embora Júpiter também o influencie. *Apas* é branco e o seu planeta é Vênus, sofrendo ação também da Lua.

QUARTA LIÇÃO

Para triunfar na vida há que se transformar em “pescador de homens”. Jesus escolheu seus discípulos entre pobres pescadores que tiveram que deixar de pescar peixes para se converterem em “pescadores de homens”. Você quer obter êxito, poder e glória? Escute este conselho: *“Ponha no anzol a isca de que o peixe mais gosta”*.

Não converse com os demais sobre as coisas que só interessam a você. O seu é unicamente seu. Desgraçadamente, o ser humano é egoísta e só quer saber do que interessa a si próprio. Se você falar ao próximo sobre coisas que ele deseja e quer, influirá positivamente para conseguir tudo o que você necessita dele. É preciso ver o ponto de vista do semelhante e ajudá-lo a resolver os seus conflitos. Converta-se em uma pessoa altruísta e bondosa, ajude os demais com seus conselhos, esforce-se para compreender o ponto de vista do próximo e assim você conseguirá “pescar” abundantemente. Quando começamos a compreender o próximo, damos os primeiros passos rumo à felicidade e ao êxito.

Há que se estudar e compreender as funções da mente. Aquele que conhece o mecanismo mental está capacitado a controlá-lo. Tem-se falado muito acerca da força mental e são muitas as instituições que ensinam como podemos concentrar a mente. Ninguém pode negar a força do pensamento, e essa força composta de ondas e formas radioativas que se transladam de um cérebro a outro. Há que se desenvolver essa força maravilhosa, porém, devemos advertir que o pensamento e a ação devem combinar-se sabiamente, se quisermos triunfar na vida. A concentração do pensamento faz milagres quando se combina inteligentemente com a ação.

A força mental realiza prodígios e maravilhas quando se fundamenta na sinceridade e na verdade. Não utilize a concentração mental para enganar as pessoas porque você fracassará, inevitavelmente. A força mental realiza prodígios quando é utilizada para ajudar as pessoas e, assim, nos beneficiamos; esta é uma lei.

Você necessita triunfar em alguma questão importante? Sente-se numa poltrona bem cômoda, relaxe os músculos do corpo, concentre-se no negócio que lhe interessa, imaginando-o com pleno êxito. Identifique-se com o próximo e procure entender o ponto de vista dele; aconselhe-o mentalmente, fazendo

com que veja as grandes vantagens do negócio que realizará com você. Assim, as ondas mentais penetrarão profundamente na mente da pessoa, realizando prodígios. Uma hora de perfeita concentração é suficiente para determinar o triunfo de um negócio.

Todo comerciante tem o direito de conseguir dinheiro, porém, os seus produtos devem ser bons, úteis e necessários para os demais. Não procure enganar os outros porque enganará a si mesmo. Multidões de vendedores ambulantes percorrem as ruas, oferecendo, inutilmente, suas mercadorias. As pessoas até se entediam quando os encontram porque só pensam em si, só falam nos seus produtos. Se aprendessem a ver o ponto de vista alheio, triunfariam completamente.

É necessário compreender que todo ser humano possui um *eu* que quer se sobressair, mostrar-se, subir ao topo da escada. Este é, precisamente, o aspecto mais débil do ser humano e você também o tem. Não caia nos mesmos erros dos demais; nunca diga: “eu”; diga sempre: “nós”. Quem domina a si próprio, domina os demais.

Insinue inteligentemente o que você quer, mas não diga “eu quero”. Lembre-se de que aos outros não interessa o que você quer. Deixe que as pessoas preparem sua idéia, como se fosse delas. Ponha os elementos, inteligentemente, para essa preparação e permita que os outros elaborem nossas idéias. Fique certo de que os demais se sentem felizes elaborando nossas idéias. As pessoas gostam de se sentir importantes, sendo esta a debilidade do *eu* que você precisa explorar. Nunca se sinta importante para que, com isso, você seja realmente importante. Procure dissolver o *eu* e, certamente, você será feliz.

Todo o êxito na vida depende da habilidade que você tem para tratar as demais pessoas. É necessário deixar o egoísmo e cultivar o *crístocentrismo*. Urge trabalhar pelo bem comum. É indispensável dissolver o *eu* e pensar sempre como “nós”. O termo “nós” tem mais força do que a expressão egoísta “eu”.

Todos os grandes fracassos da vida se devem ao *eu*. Quando o *eu* quer se mostrar, sobressair-se, subir no topo da escada, advêm as reações por parte dos demais, cujo resultado é o nosso fracasso. Recorde-se de que o *ego* é energético: são desejos, recordações, medos, violências, ódios, apetências, fanatismos, ciúmes, desconfianças e outras coisas. Você necessita explorar profundamente todos os escaninhos de sua mente, porque em seu interior psicológico existe isso que se chama *eu*, o “mim mesmo”, o *ego*.

Se você quer triunfar na vida, deve dissolver o *eu*. Se quiser eliminar o *eu*, deve desintegrar todos os seus defeitos. Se quiser desintegrar os seus defeitos, não os condene nem os justifique, compreenda-os. Quando condenamos ou justificamos um defeito nas profundezas da mente robustecemos tremendamente o *ego*. Por outro lado, quando o compreendemos, podemos desintegrá-lo totalmente.

Quando dissolvemos o *eu*, enchemo-nos de plenitude e felicidade porque se expressam através de nós o Ser, o Espírito, o Amor. Recorde-se de

que Deus, o Espírito, o Ser interno de cada ser humano jamais é o *eu*. O Ser é divino, eterno, perfeito. O *eu* é o Satã bíblico. O *eu* não é o corpo, é uma energia diabólica. No *eu* está a raiz da miséria, da pobreza, dos fracassos, das decepções, dos desejos insatisfeitos e violentos, do ódio, da inveja, dos ciúmes etc. Mude sua vida agora mesmo: compreenda a necessidade de acabar com todos os seus defeitos para dissolver o *eu*, o Satã, a *causa causarum* de todos os fracassos. Quando o *eu* é dissolvido, ficam dentro de nós mesmos somente o Ser, Deus, a felicidade. Deus é paz, abundância, felicidade, perfeição...

PRÁTICA

Um grande homem, depois de estudar a si próprio, descobriu que tinha doze defeitos que o estavam prejudicando. Ele refletiu da seguinte forma: *“Assim como não é possível caçar dez coelhos ao mesmo tempo, porque o caçador que quisesse fazer isso não caçaria nenhum, de igual forma é impossível acabar com os meus doze defeitos ao mesmo tempo”*.

Então, chegou à conclusão de que seria melhor caçar primeiro um coelho, depois, o outro; noutras palavras, acabar primeiro com um defeito e depois com o outro. Por isso resolveu se dedicar durante dois meses a cada defeito. Decorridos vinte e quatro meses, já não tinha mais aqueles defeitos que o impediam de chegar ao triunfo, todos os defeitos haviam sido eliminados. O resultado foi tão maravilhoso que ele se tornou o primeiro cidadão dos Estados Unidos: Benjamin Franklin.

Imite Benjamin Franklin. Examine-se e veja quantos defeitos você tem, conte-os e enumere-os. Depois, dedique-se dois meses a cada defeito, sucessivamente até que elimine totalmente os seus defeitos.

Sente-se numa poltrona cômoda e ore ao seu Deus interno assim: *“Tu que és meu verdadeiro Ser, tu que és meu Deus interno, ilumina-me, ajuda-me, faz com que eu veja meus próprios defeitos. Amém”*.

Concentre-se nesta prece até que você atinja o sono profundo. Procure descobrir todos os seus defeitos. Aconselhamos que você leia também a Bíblia. Nos Quatro Evangelhos, encontra-se a palavra do Divino Mestre, explicando acerca das virtudes de que tanto você necessita. Na ausência de uma virtude, certamente, em seu lugar, existe um defeito.

QUINTA LIÇÃO

O DINHEIRO

Por que o dinheiro assumiu tamanha importância em nossas vidas?

Porventura dependemos exclusivamente do dinheiro para nossa felicidade psicológica? Sabemos que todos os seres humanos necessitam de comida, abrigo e demais necessidades. Todavia, sendo isso tão natural e simples até para as aves do céu, por que razão assumiu tamanha importância e significado? O dinheiro assumiu um valor tão exacerbado e desproporcionado a ponto de dependermos psicologicamente dele para o nosso bem-estar. O dinheiro alimenta nossa vaidade pessoal, dá-nos prestígio social, viabiliza os meios para conseguirmos o poder. O dinheiro tem sido usado pela mente para fins e propósitos totalmente distintos das finalidades específicas do dinheiro. Entre essas finalidades está a de satisfazer nossas necessidades físicas imediatas. O dinheiro está sendo utilizado com propósitos psicológicos, razão pela qual assumiu uma importância que extrapola suas finalidades.

Necessitamos de dinheiro para comer e viver, isso é óbvio. Contudo, quando o dinheiro se converte em uma necessidade psicológica com propósitos diferentes de sua finalidade específica, quando dependemos dele para conseguir fama, prestígio, posição social, o dinheiro assume, na mente, uma importância tão exagerada e desproporcionada que gera conflito e luta para possuí-lo.

É lógico que necessitamos de dinheiro para satisfazer as nossas necessidades existenciais: comida, abrigo e refúgio. Porém, se dependemos exclusivamente do dinheiro para nossa felicidade e satisfação pessoal, somos, então, os seres mais desgraçados da face da Terra. Quando compreendemos profundamente que o dinheiro só tem por objetivo nos proporcionar alimento, abrigo e refúgio, passamos a impor ao dinheiro uma limitação inteligente e consciente. O resultado disso é que o dinheiro já não assume, diante de nós, essa importância tão exagerada que existe quando o convertemos em uma necessidade psicológica.

O dinheiro, em si mesmo, não é bom nem mal, tudo depende do uso que fazemos dele. Se o utilizarmos para o bem, é bom; se utilizarmos para o mal, é mau. Necessitamos compreender a fundo a verdadeira natureza da sensação de satisfação. A mente que quiser compreender a Verdade deve estar livre dessas travas.

Se quisermos, realmente, libertar o pensamento da ânsia de satisfação gerada pelas sensações, temos que começar pelas sensações que nos são mais familiares, estabelecendo aí o fundamento adequado para a compreensão.

As sensações têm seu lugar adequado quando as compreendemos, profundamente, em todos os níveis da mente, e não permitimos que sofram uma deformação estúpida, como sempre acontece. Muitas pessoas pensam que, se a ordem das coisas marchasse consoante o partido político ao qual pertencem e pelo qual lutam, teríamos um “mundo feliz”: cheio de abundância, paz e perfeição. Este é um conceito falso porque nada disso pode existir, se antes não compreendermos, individualmente, o verdadeiro significado das coisas.

O ser humano é demasiado pobre internamente e, por isso, necessita do dinheiro e das coisas para sua sensação e satisfação pessoal. Quando alguém é pobre internamente, busca, externamente, dinheiro e coisas para completar-se e satisfazer-se. Por causa do dinheiro, as coisas materiais assumiram valores desproporcionados, fazendo com que o ser humano se disponha a roubar, a explorar e a mentir. A isso se deve a luta entre o capital e o trabalho, entre patrões e operários, entre exploradores e explorados.

Serão inúteis todas as mudanças políticas sem antes havermos compreendido a nossa pobreza e miséria interior. Poderão mudar, continuamente, o sistema econômico e social, mas, se não compreendermos, profundamente, a natureza íntima de nossa pobreza interior, cada indivíduo criará, sempre, novos meios e procedimentos para obter satisfação à custa da paz dos outros.

Urge compreender a fundo a natureza íntima deste “mim mesmo”, se é que, realmente, queremos desfrutar da riqueza interior. Quem é rico interiormente é incapaz de explorar o próximo, de roubar ou de mentir. Quem é rico internamente está livre das travas da sensação e da satisfação pessoal, porque encontrou a felicidade.

É certo que necessitamos de dinheiro, porém, é necessário compreendermos a nossa justa relação com o mesmo. Nem o asceta, nem o avarento cobiçoso compreendem, nunca, qual é a justa relação com o dinheiro. Precisamos de compreensão para nos dar conta, de forma inteligente, de nossas próprias necessidades materiais, sem dependermos desproporcionalmente do dinheiro.

Quando compreendemos nossa justa relação com o dinheiro, acabamos, efetivamente, com a dor do desprendimento e com o sofrimento espantoso produzido pela competição. Devemos diferenciar entre nossas necessidades físicas imediatas e a dependência psicológica das coisas. Tal dependência gera a exploração e a escravidão.

Necessitamos de dinheiro para satisfazer as nossas necessidades físicas imediatas, porém, desgraçadamente, a necessidade se transforma em cobiça. O *eu* psicológico, percebendo sua própria vacuidade e miséria, costuma dar ao dinheiro e às coisas um valor absurdo e exagerado, distinto do que realmente têm.

Assim é como o *eu* quer se enriquecer externamente porquanto é paupérrimo e miserável, internamente. O *eu* quer se fazer sentir, deslumbrar o próximo com o dinheiro e com as coisas materiais.

Alegamos sempre uma necessidade para justificar a cobiça, que se constitui na causa secreta do ódio, das brutalidades do mundo, que costumam, muitas vezes, assumir aspectos legais. A cobiça é a causa da guerra e de todas as misérias deste mundo. Se quisermos acabar com a cobiça no mundo, devemos compreender, profundamente, que tal mundo está dentro de nós mesmos: nós somos o mundo. Toda a cobiça dos demais indivíduos está dentro de nós mesmos. Realmente, as outras pessoas vivem dentro de nossa própria consciência e a cobiça do mundo está dentro de cada um de nós. Somente quando acabarmos com a cobiça que levamos internamente, eliminaremos a cobiça no mundo. Somente quando compreendermos o complexo processo da cobiça em todos os níveis da mente, experimentaremos a Grande Realidade.

PRÁTICA

1º) Deite-se em decúbito dorsal (de barriga para cima), em forma de estrela, abrindo as pernas e os braços para os respectivos lados do corpo.

2º) Agora, concentre-se em suas próprias necessidades materiais imediatas.

3º) Medite e reflita sobre cada uma dessas necessidades.

4º) Adormeça procurando descobrir, por si mesmo, onde termina a necessidade e onde começa a cobiça.

5º) Se sua prática de concentração e meditação interna forem corretas, você descobrirá, através da percepção ou da visão interior, quais são as suas necessidades legítimas e quais são as suas cobiças.

Lembre-se de que, só após compreender, profundamente, o que é necessidade e o que é cobiça, você estabelecerá bases reais para o processo do pensamento.

SEXTA LIÇÃO

É necessário que tenhamos três coisas na vida: comida, roupas para vestir e uma casa para morar. Não devemos passar fome, necessitamos comer. Não devemos andar mal vestidos, é necessário que nos vistamos bem. Não é justo vivermos a vida toda pagando aluguel, necessitamos de uma boa casa própria. Reflitam sobre tudo isso. Urge que compreendamos a necessidade de vivermos melhor, sem cairmos no pecado da cobiça. Em nossa lição anterior, dissemos que é preciso distinguir entre o que é a necessidade e o que é a cobiça. É indispensável sabermos onde termina a necessidade e onde começa a cobiça.

Você necessita de aprender a impressionar muito bem as outras pessoas, o que é uma arte muito delicada. Muitas senhoras se vestem muito bem, às vezes com luxo excessivo, com valiosíssimos anéis mas, apesar de tudo, não conseguem impressionar bem os demais. Muitos cavalheiros elegantes ostentam trajes caríssimos, carros de último modelo; não obstante, fracassam muitas vezes, por não saberem causar uma boa impressão nas pessoas.

O presidente da Colômbia, doutor Olaya Herrera, dominava o povo com seu eterno sorriso, que representava, efetivamente, milhões de dólares. Nós, homens, sabemos que o sorriso de uma mulher vale muito mais do que todas as peles e diamantes que elas usam. Uma mulher com um sorriso cativante causa forte impressão entre os homens. O sorriso da sinceridade e o perfume da cortesia realizam verdadeiros milagres no mundo dos negócios.

É urgente distinguir entre o sorriso da sinceridade e o sorriso mecânico. O sorriso sincero sai do próprio âmago da Alma; o sorriso mecânico é hipócrita, tenebroso e se constitui numa expressão diabólica.

Existem, no homem, dois fatores em discordância: a Alma e o Diabo. A Alma é divinal; o Diabo é maligno. Toda boa ação advém da Alma. Toda má ação é proveniente do Diabo. Quando você bate numa porta para que o dono da casa lhe abra, normalmente ele pergunta: Quem é? E vem a resposta: “Eeeuuu”. Esse *eu* ou “mim mesmo” é, exatamente, o Diabo que existe em nós. Os clarividentes vêem esse *eu* como uma entidade fluídica horripilante que vive dentro do corpo humano. Essa entidade também “sai” do corpo durante o sono e percorre grandes distâncias, levando os seus desejos e paixões. A Alma não é o *eu*, é o Ser. Distinga-se entre o Ser que é a Alma e o *eu* que se constitui no Satã dentro de nós.

Nosso corpo não pensa nem deseja, sendo só como um traje ou uma roupa. Pensamos com a mente, que é um “veículo da Alma”; não obstante, quando somos maus, a mente se converte em “veículo do Diabo”. A mente diabólica promove guerras, conflitos, problemas, vícios, bebedeiras, adultérios, fofocações, cobiças, hipocrisias etc.

A abelha e a formiga se deleitam e são felizes trabalhando. Aprenda a gozar e desfrutar do seu trabalho. Quando um empregado qualquer se alegra trabalhando, ele passa a irradiar ondas mentais de êxito e progresso, fazendo com que as vendas aumentem. Nesse caso, o patrão se sente feliz e não quer que o empregado deixe o trabalho. Ocupe-se pelo êxito do negócio onde você trabalha, pois é necessário que você conquiste o carinho do patrão. Aprenda a sorrir sinceramente e a alegrar-se com o trabalho. Se você quiser que as pessoas se sintam felizes com sua pessoa, é imprescindível que você se sinta feliz com elas. Se você não se sente feliz com o trabalho, se não sente vontade de sorrir, aconselhamos que escute uma boa música. Lembre-se de que a boa música opera milagres e poderá mudar o seu estado de ânimo. Quando ouvimos uma boa música e passamos longos períodos absortos, escutando-a, elevamos nossa mente aos níveis mais altos de consciência.

A mente irradia ondas que viajam através do espaço e passam de um cérebro a outro. Temos uma prova da realidade dessas ondas através da telepatia. Muitas vezes, quando vamos pela rua e, inesperadamente, surge a lembrança de alguém, e de imediato nos encontramos com ela, isso se caracteriza como telepatia. As ondas mentais das pessoas chegaram até nós e conseguimos captá-las.

Temos em nosso organismo um verdadeiro sistema hertziano. A glândula pineal, situada na parte inferior do cérebro, é o centro emissor do pensamento e o plexo solar, situado na região do umbigo se constitui na sua antena receptora. A glândula pineal é o “assento da Alma”, a “janela de *Brahama*”, através da qual a Alma entra e sai do corpo. Essa glândula é um corpúsculo oval de tecido vermelho acinzentado que secreta um hormônio, que regula o desenvolvimento dos órgãos sexuais. Depois da maturidade, a pineal começa a se degenerar em tecido fibroso, perdendo a capacidade de secretar seus hormônios.

A pineal é o centro emissor do pensamento e um quebra-cabeça para os cientistas. Essa glândula encontra-se bem desenvolvida nos grandes gênios da Ciência, da Arte e da Filosofia. Por outro lado, está totalmente atrofiada nos idiotas. Geralmente, os grandes comerciantes e os indivíduos que têm êxito em suas atividades possuem essa glândula bem desenvolvida.

A pineal acha-se intimamente relacionada com os órgãos sexuais, posto que a potência sexual depende da sua força. A pessoa que gasta torpemente suas energias sexuais fracassa nos negócios porque essa glândula se atrofia. Quando a pineal fica debilitada, não pode mais irradiar as ondas mentais com potência, causando fracasso nas suas atividades.

Seja prudente, não desperdice torpemente suas energias sexuais. A Bíblia diz: “Não fornicarás”. Cumpra com o sexto mandamento, poupando suas energias sexuais. Assim poderá fortificar sua glândula pineal e, inevitavelmente, você triunfará: poderá irradiar suas ondas mentais com força, poder e glória. Essas ondas mentais, depois de chegar ao centro receptor (plexo solar) das demais pessoas com quem entre em contato, proporcionará o êxito que você

tanto busca. Seja um triunfador, sorria sempre com muita sinceridade, viva com alegria e trabalhe com prazer, para que a sorte lhe sorria por toda a parte e o mundo seja seu.

PRÁTICA

De frente para um espelho, contemple seu rosto demoradamente e, depois, ore assim:

“Minha Alma, tu deves triunfar. Minha Alma, tu deves vencer Satã. Minha Alma, apodera-te da minha mente, dos meus sentimentos e da minha vida. Tu deves afastar de mim o “guardião do umbral”, tu deves vencê-lo. Tu deves apoderar-se totalmente de mim. Amém. Amém. Amém”.

Ore sete vezes esta prece e, depois, observe o centro da pupila dos seus olhos no espelho, totalmente carregada de luz, força e poder. É necessário que você procure penetrar, através da mente, no interior de seus olhos refletidos no espelho. Trate de ver com a imaginação, no centro de seus olhos refletidos, a beleza de sua Alma. É necessário que você exclame, dizendo: *“Minha Alma! Eu quero ver-te, quero ver-te, quero ver-te”.*

Persevere diária e intensamente neste exercício, efetuando esta prática todas as noites antes de adormecer. Com este exercício, você desenvolverá a clarividência. Pratique dez minutos diários e isso é tudo.

CLARIVIDÊNCIA

É necessário que você saiba que existe um sexto sentido: o da clarividência, que está relacionado com a glândula pituitária.

Quando você desenvolver a clarividência, poderá ler o pensamento dos outros como se fosse um livro aberto; poderá ver a Alma e o *ego* das pessoas. Então, compreenderá que a Alma não é o *eu*, senão Satã em nosso interior.

A clarividência nos permite ver o que está mais além da morte. Com os exercícios que ensinamos, você desenvolverá, totalmente, a clarividência. Pratique esses exercícios e depois nos escreva comunicando todas as suas impressões.

SÉTIMA LIÇÃO

Na vida, o ser humano se defronta com inumeráveis problemas e cada pessoa precisa saber como resolver, inteligentemente, cada um deles. Temos que compreender cada um dos problemas porque a solução encontra-se no próprio problema. Chegou a hora de aprendermos a resolver problemas. Existem muitos tipos de problemas: econômicos, sociais, morais, políticos, religiosos, familiares etc. Precisamos aprender a resolvê-los de forma inteligente. O mais importante para a solução de qualquer problema é não nos identificarmos com o mesmo. As pessoas têm uma marcada tendência a se identificar de tal maneira com os problemas que elas se convertem nos próprios problemas. O resultado de tal identificação é o fracasso na solução, porque um problema não pode, jamais, resolver outro problema.

Para se resolver um problema, é necessária muitíssima paz e quietude mental. Uma mente inquieta, conflituosa, não pode resolver nenhum problema. Se você possui um problema muito grave, não se identifique e não se converta em outro problema; retire-se para qualquer lugar para descontraí-lo: um bosque, um parque ou a casa de um amigo muito íntimo. Distraia-se com algo distinto, escute boa música e, depois, com sua mente tranqüila e quieta, em perfeita paz, procure compreender profundamente o problema, recordando que a sua solução está no próprio problema.

Lembre-se de que, sem paz, você não pode fazer nada de novo. Você necessita de quietude para resolver todo e qualquer problema que se apresente em sua vida. Você tem que pensar de uma maneira completamente nova, acerca de qualquer problema que queira resolver. Tudo isso é possível quando se tem tranqüilidade e paz. Na vida moderna, temos muitíssimos problemas e, desgraçadamente, se não estivermos em paz, jamais poderemos resolvê-los.

Necessitamos de paz e de um estudo profundo sobre este assunto. Urge investigar qual o principal fator que acaba com a paz dentro e fora de nós mesmos, ou seja, qual é a causa do conflito. Chegou a hora de compreendermos a fundo, em todos os níveis da mente, as contradições íntimas que temos e que se constituem no principal fator de discordância e de conflito. Quando compreendemos profundamente a causa de uma enfermidade, curamos o enfermo. Quando conhecemos a fundo a causa de um conflito, então o eliminamos, resultando em paz.

Dentro e em torno de nós, existem milhares de contradições que geram conflitos. Realmente, o que existe dentro de nós existe também na sociedade, porque esta é, como já dissemos tantas vezes, uma extensão do indivíduo. Se há contradição e conflito dentro de nós, também há conflito na sociedade. Se o indivíduo não tem paz, a sociedade também não tem. Nessas condições, toda a propaganda pela paz resulta, de fato, totalmente inútil.

Quando nos auto-analisamos de forma judiciosa, descobrimos que dentro de nós existe um estado contraditório de afirmações e negações que se alternam. É o conflito entre o que queremos ser e o que somos realmente. Se somos pobres, queremos ser milionários; se somos soldados, queremos ser generais; se somos solteiros, queremos nos casar; se somos empregados, queremos ser gerentes e assim por diante.

O estado de contradição engendra conflitos, dores, miséria moral, atos absurdos, violências, murmurações, calúnias etc. O estado de contradição na vida jamais nos pode trazer paz. Uma pessoa sem paz nunca poderá resolver seus problemas.

Você necessita resolver inteligentemente seus problemas e, por isso, é urgente que viva sempre em paz. O estado de contradição impede a resolução dos problemas porque cada problema implica milhares de contradições: Farei isto? Farei aquilo? Como? Quando? A contradição mental cria conflitos e obsta a resolução dos problemas.

Primeiramente, é imprescindível solucionarmos as causas da contradição para acabarmos com os conflitos. Só assim advém a paz e, concomitantemente, a solução dos problemas. É importante descobrirmos as causas das contradições e analisá-las detalhadamente. Com isso, eliminaremos o conflito mental. Não é correto culpar os outros pelas nossas contradições internas, porque essas estão dentro de nós mesmos. Existe conflito mental entre o que somos e o que queremos ser; entre o que é um problema e o que queremos que seja. Quando temos um problema de qualquer ordem – moral, econômico, religioso, familiar, conjugal dentre outros – nossa primeira reação é pensar nele, resistir-lhe, negá-lo, aceitá-lo, tentar explicá-lo. Temos que saber que, com a angústia mental, com a contradição, com a preocupação e com o conflito, não resolveremos nenhum problema. A melhor maneira de reagirmos diante de um problema é promovermos o silêncio da mente que surge quando não mais pensamos no problema. Esse silêncio advém quando compreendemos que, com os conflitos e suas contradições, nada resolvemos. Esse silêncio não é um dom especial de ninguém nem uma capacidade de determinado tipo de pessoa. Ninguém pode cultivar esse silêncio com a mente inquieta. Ele advém naturalmente, quando compreendemos que nenhum problema pode ser resolvido quando procuramos resistir-lhe, aceitá-lo, afirmá-lo ou explicá-lo.

Do silêncio mental nasce a ação inteligente, intuitiva e sábia, que resolve o problema, por mais difícil que seja, e que não é o resultado de reação alguma. Quando percebemos o fato e nos damos conta do problema sem afirmá-lo, negá-lo ou tentar explicá-lo; quando nem o aceitamos nem o rejeitamos, então, advém o silêncio da mente. Do silêncio mental, floresce a intuição e brota a ação inteligente, que resolvem completamente o problema.

Somente na quietude e no silêncio da mente há liberdade e sabedoria. O conflito mental é destrutivo, ruinoso, resultando nos desejos opostos: ora queremos isto, ora desejamos aquilo, numa constante contradição e conflito.

A contradição persistente que existe dentro de nós se deve à luta entre desejos opostos. Há uma permanente negação de um desejo por outro desejo; um empenho se sobrepõe a outro. Não existe um desejo permanente no ser humano, ele é sempre fugaz: a pessoa quer um emprego e, depois que o tem, deseja outro; o empregado quer ser gerente, o padre quer ser bispo... ninguém está satisfeito com o que tem. Todas as pessoas estão cheias de desejos insatisfeitos e buscam a satisfação dos seus desejos.

A vida é uma sucessão absurda de desejos fugazes e tolos. Quando compreendemos profundamente que todos os desejos da vida são efêmeros, quando entendemos que o corpo físico é engendrado no pecado e que seu destino é a putrefação no sepulcro, nasce, então, dessa profunda compreensão, a verdadeira paz da mente, fazendo com que desapareçam a contradição e o conflito. Só a mente que está em paz pode solucionar os problemas. A paz se estabelece no silêncio da mente.

A contradição surge da teimosia quando, por exemplo, a mente se aferra a um só desejo; quando quer a todo custo que o desejo se realize; com isso, é lógico que tende a gerar conflitos. Se observarmos cuidadosamente duas pessoas que estão discutindo um problema, podemos confirmar que cada uma se apega ao seu desejo, procurando satisfazê-lo. Com isso, é natural que se crie o conflito mental. Quando, resolutamente, compreendemos a futilidade dos desejos e que esses são a causa dos nossos conflitos e amarguras, surge, então, a paz verdadeira.

PRÁTICA

Sentado em uma poltrona cômoda ou deitado em sua cama, feche seus olhos. Depois, concentre-se em seu interior e investigue seus desejos e suas contradições.

É necessário que você compreenda quais são os seus desejos contraditórios para que, assim, conheça as causas de seus conflitos internos. Com o conhecimento das causas do conflito mental você promoverá a paz da mente. Pratique diariamente este exercício bem simples, pois é indispensável que você se conheça a si mesmo.

OITAVA LIÇÃO

O ALCOOLISMO

O vício do alcoolismo tem três aspectos perfeitamente definidos:

1º) Iniciação. 2º) Intoxicação. 3º) Morte.

INICIAÇÃO

Certas pessoas iniciam esse vício horrível na adolescência; outras na juventude, algumas na maturidade e poucas na velhice. São muitas as causas que levam as pessoas ao vício do álcool. O adolescente que se inicia neste vício horrível, o faz com o propósito de sentir-se como “homem-feito”. A pessoa cria o falso conceito da honradez, crendo que para ser homem precisa ser alcoólatra, fumante, fornicário e adúltero. O jovem chega ao grosseiro vício do álcool seduzido pelos seus amigos ou amargurado pelos seus sofrimentos. Muitas vezes, uma decepção amorosa ou uma situação econômica difícil costumam ser os motivos fundamentais para se iniciar o processo fatal do alcoolismo. O homem maduro que adquire o terrível vício do alcoolismo o faz, como sempre, movido pela mola secreta de suas amarguras: talvez a morte de um ser querido, uma decepção amorosa, o divórcio, a perda de seu emprego ou de sua fortuna etc.

Com os primeiros copos, o organismo reage. No princípio, o organismo ainda não está intoxicado e, é claro, rechaça fortemente o álcool, ao qual não está acostumado. O vômito, os mal-estares do estômago, depois de muita bebedeira, são reações utilizadas pelo organismo para eliminar o álcool. A luta do corpo costuma ser muito forte, porém, a vontade maligna se propõe a violentar o organismo e o consegue. Não há alcoólatra que não tenha sua tragédia moral. O alcoólatra já intoxicado sabe guardar, secretamente, a sua tragédia. Por outro lado, aquele que está se iniciando no vício sempre exterioriza a sua tragédia, mas, quando compreende que as pessoas não o entendem, prefere calar-se.

INTOXICAÇÃO

Vencidas as defesas do organismo humano, sobrevêm as intoxicações alcoólicas. Ao chegar a essa segunda etapa, o corpo já não pode se sentir bem sem o álcool. O médico intoxicado pelo álcool, já não pode realizar uma operação cirúrgica sem sua bebida predileta: treme o pulso e, quando realiza uma cirurgia, sai-se muito mal. O comerciante intoxicado não pode negociar sem o álcool porque se sente tímido, nervoso e, com isso, fracassa. O operário já não é capaz de trabalhar sem a bebida, sente-se fraco. A bebida se converte em uma necessidade para o organismo intoxicado; o alcoólatra, estimulado pela mola secreta de sua tragédia moral, bebe cada vez mais. Alguns alcoólatras comem e bebem e, com isso, sobrevivem por mais tempo. Outros bebem, mas não comem para não perderem a “embriaguez”, conseqüentemente, morrem mais cedo. A comida favorece todo o processo digestivo, por outro lado, a sua falta deixa, efetivamente, o organismo totalmente indefeso, resultando na morte.

A MORTE

Com a morte, finda toda a intoxicação alcoólica. A defunção pode vir por úlcera, hepatite, cirrose hepática ou, em geral, qualquer enfermidade do fígado, do estômago etc. Clinicamente, pôde-se comprovar que os alcoólatras que vivem mais são aqueles que comem enquanto bebem, e os que vivem menos são aqueles que só bebem e não comem nada. A morte do alcoólatra é horrível. Nas clínicas e hospitais, eles ficam muito nervosos pela falta de bebida: clamam, gritam, exigem a garrafa de álcool, num desespero espantoso. Alguns morrem vomitando sangue, outros, com terríveis diarreias sanguinolentas.

PSICOLOGIA DO ALCOÓLATRA

O alcoólatra, totalmente intoxicado, gasta tudo no vício e, quando já não tem mais o que gastar, torna-se mendigo, ladrão, vigarista ou, em geral, no melhor dos casos, um reles pedinchão de álcool, um mendigo do álcool. O intoxicado perde todo conceito de honra, dignidade, responsabilidade etc.

Interessa-lhe somente uma coisa: beber. O álcool converte-se, para o intoxicado, em uma necessidade vital, essencial.

Para o intoxicado alcoólico, as coisas sérias da vida não têm nenhum valor, tornando-o completamente irresponsável e imoral no mais completo sentido da palavra. A dignidade, a honradez, a responsabilidade moral, a palavra empenhada, a virtude, nada disso tem, absolutamente, nenhuma importância para o viciado. O alcoólatra empedernido ri de todas essas qualidades humanas e até se sente infinitamente superior a todos os seus semelhantes.

CAMPANHA CONTRA O ÁLCOOL

A efetiva campanha contra o álcool é feita explicando, detalhadamente, os três aspectos definidos deste vício horrível que são: **iniciação, intoxicação e morte**. Esses aspectos devem ser bem explicados nos lares, escolas, universidades, academias, templos, lojas, *ashrams* etc. Esta é a melhor maneira de se fazer uma campanha efetiva contra o alcoolismo. As “leis secas” que proíbem a venda de álcool resultam inúteis, porque os alcoólatras, astutamente, inventam uma forma de fabricar clandestinamente as bebidas. Isso causa ainda mais dano do que benefício à sociedade. Somente a compreensão criadora pode salvar as pessoas de caírem nesse horrível vício. O sistema de ensino audiovisual é maravilhoso para combater o vício do álcool.

O LAR

A verdadeira educação começa no lar. Os pais de família que bebem dão maus exemplos aos seus filhos, conduzindo-os para o processo fatal do abismo. Nos lares, deve-se ensinar aos filhos os três aspectos desse horrendo vício. Este tipo de ensinamento, acompanhado do bom exemplo, é essencial para prevenir as novas gerações contra o vício do álcool. O que se aprende bem, não se esquece nunca.

MEDITAÇÃO E EMBRIAGUEZ

A meditação e a embriaguez são dois pólos opostos de uma mesma força: a meditação é o pólo positivo e a embriaguez é o pólo negativo.

O gnóstico-rosacruz deve beber o vinho da meditação na taça sagrada da concentração. É necessário fugirmos do aspecto negativo para não cairmos no aspecto nefasto da mente. O vício do álcool pertence ao aspecto negativo da

mente. O alcoólatra se submerge nos infernos atômicos da natureza e se perde no abismo. É melhor beber o vinho da meditação na taça sagrada da concentração do pensamento. Concentremos o pensamento em nosso Deus interior e meditemos profundamente, durante muitas horas, para chegarmos ao samádi ou êxtase inefável. Então, poderemos conversar com os deuses e penetrar nos grandes mistérios da natureza. Isso é melhor que o *delirium tremens*, que leva o alcoólatra a ingressar nos infernos atômicos da natureza para conviver com os demônios do abismo. As visões ocasionadas pelo *delirium tremens* dos alcoólatras são absolutamente reais; tudo o que vivenciam nas visões existe realmente. Os alcoólatras penetram no abismo e passam a viver com os seres perversos dentro dos infernos atômicos da natureza.

LARVAS ALCOÓLICAS

Todo ser humano carrega uma atmosfera atômica perceptível para os clarividentes que vêem as larvas alcoólicas que vivem na “quarta dimensão”. Temos que dizer que a Física Moderna já começa a admitir a existência da “quarta coordenada, quarta dimensão ou quarta vertical”.

O alcoólatra carrega, em sua atmosfera ultra-sensível, larvas alcoólicas que o estimulam no vício porque lhe deram vida, impulsionando-o sempre a beber. Essas larvas só são desintegradas com defumações de enxofre.

OSMOTERAPIA

Os perfumes combinados sabiamente com a força mental se constituem num maravilhoso sistema de cura para os alcoólatras. É assim que esses elementos podem ser combinados para ajudar na cura do alcoolismo.

INDICAÇÕES

Você tem algum ente querido dependente do álcool? Quando ele estiver dormindo, aperte sua mão direita na dele e faça-o cheirar um perfume delicioso, um extrato de rosas; depois, com voz muito suave, fale como se ele estivesse acordado: aconselhe-o e explique, de maneira muito detalhada, o que é o vício horrível do álcool. Lembre-se de que quando o corpo dorme, o *ego* sai e perambula pela “quarta dimensão”. As palavras dirigidas ao alcoólatra quando está dormindo chegam ao tímpano e passam para o centro sensorial do cérebro; posteriormente, são transmitidas ao *ego*, mesmo que este se encontre muito

longe do corpo físico. Ao acordar, o *ego* volta ao corpo físico e, mesmo que a pessoa não se recorde, fique certo de que tudo o que foi falado ficou no subconsciente do alcoólatra. Essas palavras vão produzindo seus efeitos pouco a pouco e, no final, chegará o dia em que ele ficará curado do horrível vício do álcool.

PRÁTICA

Deite-se e permaneça tranqüilamente em sua cama. Abra suas pernas para a direita e para a esquerda para formar a “estrela flamígera ou de cinco pontas”. Relaxe bem os músculos do seu corpo. O processo de relaxamento torna-se fácil quando combinado com a imaginação. Pratique o exercício de relaxamento que foi indicado na segunda lição. Relaxamento mental: depois de conseguir o relaxamento do corpo físico, é necessário relaxar a mente. O relaxamento mental se consegue também com a ajuda da imaginação. Observe todos os pensamentos e recordações que lhe assaltem a mente, todas as inquietações etc. Estude cada um desses aspectos para conhecer sua origem. Esse estudo revelar-lhe-á muitas coisas: fá-lo-á conhecer seus erros e defeitos. Com isso você saberá como trabalham os seus *eus*, o seu *ego*. Analise cada defeito, trate de compreender cada um, em todos os níveis da mente; estude cada pensamento, recordação ou emoção que lhe assalte a mente e compreenda cada pensamento. Imagine, depois, um abismo profundo e lance cada pensamento, recordação ou inquietação já analisados, nesse abismo. Na quietude e no silêncio da mente você poderá ver e ouvir o seu Íntimo, o seu Mestre Interno ou Deus Interior.

CONCENTRAÇÃO

Quando a mente adquire a absoluta quietude e silêncio, você pode concentrar-se no Íntimo através do auxílio da oração. Ore ao Íntimo, procure conversar com Ele. Lembre-se de que rezar é conversar com Deus. Ore sem fórmulas, isto é, converse com Deus com infinito amor e expresse o que você sente em seu coração.

MEDITAÇÃO

Quem consegue a perfeita concentração, pode meditar em seu Deus Interno. Reflita em seu Deus Interno, identifique-se com Ele, viva Nele.

CONTEMPLAÇÃO

Quem aprende a silenciar, a concentrar a mente e a orar, pode praticar a meditação perfeita e alcançar a excelência da contemplação interna. Ao chegarmos a esse nível, estaremos em êxtase: poderemos conversar diretamente com os deuses inefáveis; poderemos estudar as maravilhas do Cosmo infinito e também viajar através do infinito em Espírito e Alma. Nesse estado de êxtase, o corpo físico fica “adormecido”, abandonado. Você compreende agora por que é conveniente praticar estes exercícios, nos momentos em que sente sono. O sono é um poder que deve ser aproveitado para conseguirmos, de forma consciente, o êxtase.

NONA LIÇÃO

A MENTE UNIVERSAL

A convivência social se fundamenta, necessariamente, nos funcionalismos da mente. É preciso explorar, profundamente, os diversos níveis da mente.

A esfera do pensamento na qual o homem vive não está, de forma alguma, encerrada dentro da limitada circunferência do crânio, como geralmente supõem os ignorantes e até os “ignorantes ilustrados”. Se existisse um ser humano assim, como alguns crêem, de saída, ele seria o ser mais desgraçado do mundo. Uma pessoa com o pensamento encerrado no crânio não poderia ver nem perceber nada, seria um completo idiota vivendo nas mais profundas trevas. Essa desgraçada criatura não poderia ver nem o Sol, nem a Lua, nem as estrelas, nem a luz, nem a Terra em que vivemos, nem as pessoas ou as coisas; nada do que possui vida existiria na mente de uma pessoa assim. Isso se explica pelo fato de que ninguém pode perceber nada que exista se não existir, de antemão, em seu próprio “mundo mental”.

Dom Immanuel Kant disse, em sua *Crítica da Razão Pura*, que *o exterior é reflexo do interior*. Todo o Universo existe na “mente cósmica”. A esfera mental de cada pessoa estende-se por todo o Cosmo e chega até às estrelas mais distantes. Essa é a causa pela qual vemos, ouvimos e sentimos toda a criação; esse é o motivo pelo qual podemos ver as estrelas mais distantes.

Nosso pensamento não está encerrado no crânio, estende-se por todo o Cosmo e penetra em todas as partes: mundos, sóis, pessoas e coisas, tudo está dentro do pensamento de cada ser humano.

A mente é energia universal que vibra e fulgura em toda a Criação. O cérebro não é a mente, é tão somente um centro receptor, uma oficina radiotelegráfica que recebe as mensagens da mente. O cérebro não pensa, quem pensa é a mente, que é totalmente distinta do cérebro.

As religiões dizem que a Alma-Humana possui um corpo de carne e osso. Os teósofos sustentam a idéia de que a Alma-Humana tem, além do corpo de carne e osso, um “corpo mental”. Todas as escolas do Oriente que se dedicam ao estudo do Ocultismo ensinam seus estudantes a manejarem o “corpo mental”. A Alma, envolta no “corpo mental”, pode transportar-se à vontade para outros planetas, podendo ver o que acontece lá.

Todo o Universo está dentro da mente humana. Todas as mentes estão dentro das outras mentes. Vivemos mutuamente na esfera do pensamento alheio. Os problemas econômicos e sociais de cada pessoa vivem em todas as pessoas. Ninguém está alheio a ninguém e todos nós estamos dentro da mente

de todos. O mendigo vive dentro da mente do rico e, esse último, dentro da mente do mendigo. Todos estamos submersos no “oceano da mente universal”.

IMAGINAÇÃO E VONTADE

Os dois pólos da mente são: imaginação e vontade. Esta é feminina e aquela é masculina. A chave do êxito encontra-se na união de ambas em vibrante harmonia.

AÇÃO MENTAL

O inventor concebeu com sua imaginação o telefone, o rádio, o automóvel etc. Posteriormente, com a vontade, cristalizou e converteu os inventos em fatos concretos, em realidade. Os estilistas de Paris ditam a moda tal como eles a concebem através do uso da imaginação.

AS EPIDEMIAS MENTAIS

Se um homem pensa tanto no bom como no mau sentido, as ondas que emanam de sua mente chegarão ao “corpo mental” das outras pessoas. As ondas mentais propagam-se por todas as partes. Quando essas ondas são de sabedoria e amor, beneficiam todos aqueles que as recebem. Quando estão impregnadas de devoção e veneração a Deus, levam paz e consolo a todos os que estão sofrendo. As ondas mentais “venenosas” danificam a mente alheia. As ondas mentais de ódio, inveja, cobiça, luxúria, orgulho, preguiça, gula etc. produzem “epidemias mentais”. As ondas mentais perversas envenenam, com sua radioatividade, muitas mentes débeis. O caso dos “rebeldes sem causa” é um bom exemplo do que são as “epidemias mentais”. Os “rebeldes sem causa” convertem-se em uma terrível praga. Encontraremos a causa dessa “epidemia mental” na imaginação mal usada. Os salões de cinema exibem filmes de bandidos e pistoleiros que, depois, ficam gravados na mente dos jovens. Os pais de família presenteiam seus filhos com pistolas, carrinhos de guerra, canhões, soldadinhos de chumbo, metralhadoras de brinquedo e outras coisas. Tudo isso se reflete, com força, na imaginação de crianças e de adolescentes. Depois vêm as revistas e os contos policiais, as revistas pornográficas e outras coisas. O resultado de tudo isso não demora e, em pouco tempo, a criança, o adolescente, convertem-se, de fato, em “rebeldes sem causa” e, mais tarde, em vigaristas, ladrões, bandidos...

HIGIENE MENTAL

Necessita-se praticar higiene mental. É necessário que exista uma Medicina Preventiva. Cultive a sabedoria e o amor e faça, diariamente, muita oração. Selecione as obras de arte, as obras de Michelangelo; cultive a boa música (clássica), as grandes óperas e assim por diante. Evite espetáculos sangrentos e violentos porque são danosos para a mente: o boxe, a luta livre e assim por diante, produzem “epidemias mentais”. Cuide de sua mente e não permita que, dentro do templo de sua mente, penetrem os maus pensamentos. Seja puro em pensamento, palavra e obra. Ensine a seus filhos tudo o que é bom, verdadeiro e belo.

ORIGENS DA MENTE UNIVERSAL

A Grande Realidade Divina surgiu do seu próprio Seio no “Amanhecer” deste Universo Solar no qual vivemos, nos movemos e temos nosso Ser. A Grande Realidade não conhece a si mesma, porém, ao contemplar-se no espelho vivo da “grande imaginação” da natureza, chega, então, a conhecer a si mesma. Desse modo, cria-se uma atividade mental vibratória por meio da qual a Grande Realidade conhece suas infinitas imagens, que luzem maravilhas no cenário cósmico. Essa atividade, que sai da periferia e se dirige para o centro, é o que se chama de “mente universal”.

Todos os seres vivem submersos no oceano infinito da “mente universal”; com isso, todos vivem de todos e ninguém pode separar-se mentalmente de ninguém. *“A heresia da separatividade é a pior das heresias”*.

A atividade intelectual da “mente universal” dimana de uma força centrípeta e, como a toda ação corresponde uma reação, a força centrípeta, ao encontrar no centro uma resistência, reage e cria uma atividade centrífuga chamada Alma-Cósmica. Essa Alma-Cósmica, vibratória, constitui-se num mediador entre o centro e a periferia, entre o Espírito Universal de Vida e a matéria, entre a Grande Realidade e suas imagens vivas.

Um grande Mestre disse: *“A Alma é o produto de uma ação centrífuga da atividade universal impelida pela ação centrípeta da imaginação universal”*.

ESCLARECIMENTO SOBRE TERMOS

Centrífuga: é a força que procura se distanciar do centro, a força que vai do centro para a periferia.

Centrípeta: é a força que é atraída pelo centro, a força que flui da periferia para o centro.

Todo indivíduo pode engendrar sua Alma. Quando conhecemos a técnica da meditação interna e dirigimos o poder mental para o interior de nosso próprio centro divino, a resistência que encontramos provoca uma reação. Quanto mais vigorosa for a força centrípeta que apliquemos, mais forte será a força centrífuga que será formada. É assim que a Alma cresce e expande-se; é assim que fabricamos a Alma. A Alma forte e robusta encarna e transforma o corpo físico em matéria mais sutil e elevada até convertê-lo também em Alma.

PRÁTICA

Aprenda a usar sua imaginação e sua vontade unidas em vibrante harmonia. Deitado em seu leito ou em uma cômoda poltrona, imagine um lugar distante bem conhecido (uma casa, um parque, alguma avenida ou uma cidade) e adormeça com essa imagem na mente. Quando estiver adormecendo com essa imagem na mente, torne-a real: esqueça do lugar onde seu corpo se encontra, ponha em atividade sua força de vontade e, com plena confiança em você mesmo, caminhe pelo lugar imaginado, como se estivesse andando em carne e osso.

Se a prática for feita corretamente, você se desdobrará e, então, sua Alma se transportará ao lugar imaginado, onde você poderá ver e ouvir tudo o que lá acontece.

APÊNDICE

O corpo físico é um dos maravilhosos instrumentos que o homem possui para se manifestar. Se considerarmos o corpo do ponto de vista estritamente físico, é o que poderíamos chamar de uma “máquina”, sendo o alimento o seu combustível. De acordo com o tipo de combustível que se use, assim trabalhará essa máquina e servirá de instrumento.

Muitas vezes, encontramos pessoas que irradiam alegria, felicidade, saúde, otimismo, simpatia, amor e outras coisas. Essas pessoas conquistam a

amizade de todos, possuem uma força de atração e um poder irresistível. Outras, são débeis, carecem desse ímã maravilhoso, fracassam quando procuram receber ajuda de outras pessoas e, quando são donas de algum negócio, seus clientes vão diminuindo gradativamente.

A Psicologia descobriu que o caráter de uma pessoa depende de seu estado interno. O caráter não se desenvolve no corpo físico, mas se expressa por meio dele e, se o corpo não está em bom estado, então, nosso lado interno não se pode expressar eficientemente.

É indispensável que cada pessoa nutra-se suficientemente. Quando a nutrição não é perfeita, o sangue se debilita e se empobrece, fazendo com que as células também se enfraqueçam. Um dos melhores meios para se obter nutrição completa com o alimento habitual consiste em se mastigar perfeitamente os alimentos. Os alimentos mal triturados perdem grande parte do valor nutritivo. Outro ponto de grande importância é a irrigação do corpo, quer dizer, o uso apropriado da água em benefício do organismo. A quantidade mínima de água requerida, diariamente, é de dois litros e meio. Se a água é pouca, certas glândulas não podem trabalhar eficientemente, o corpo não elimina bem os resíduos do organismo e o fígado também não funciona bem.

DIETA VEGETARIANA

A maior parte das pessoas crê que uma comida sem carne é incompleta. Nada mais errôneo, porque a Ciência demonstrou que a nutrição obtida através dos vegetais possui um poder de sustentação maior.

Todos os animais, em si, levam os venenos da putrefação. O sangue venoso está cheio de ácido carbônico e de outras substâncias nocivas. Essas substâncias danosas e repugnantes encontram-se em todas as partes da carne e, quando esse alimento é ingerido, o corpo fica cheio dessas toxinas.

Existem provas abundantes demonstrando que a dieta carnívora estimula a ferocidade. Observemos a ferocidade das bestas que comem suas presas e a crueldade dos canibais em comparação com a força e a docilidade prodigiosa dos bovinos, dos elefantes, dos cavalos... Entretanto, não se deve chegar à conclusão de que todos devem deixar de comer carne de uma vez, passando a comer só vegetais. Seria uma loucura se uma pessoa mudasse sua dieta ordinária que o está nutrindo adequadamente há anos. Eliminar a carne da dieta comum das pessoas já acostumadas minaria, completamente, a sua saúde. A única maneira de proceder é experimentar e estudar primeiramente as coisas.

Seja muito cuidadoso com a sua nutrição. Não pedimos que você deixe de comer carne de uma vez, porém, advertimos que a carne, quando consumida em grandes quantidades (por exemplo, todos os dias), é como um veneno para o corpo. O Dr. Arnold Krumm Heller, professor da Universidade de Berlim e grande médico gnóstico, assegurava que o homem deveria consumir somente

vinte por cento de carne, entre os demais alimentos. Comprovamos que alguns alimentos, como o trigo, o ovo, o abacate e outras coisas, podem substituir a carne. Os cereais, em geral, são de grande valor nutritivo. A proteína do leite de vaca é maravilhosa. O leite de soja é muito nutritivo e sua composição química é similar à do leite de vaca. Na busca de uma melhor nutrição, os alimentos devem ser usados de forma balanceada. Evite comer pão branco porque a farinha branca é prejudicial e não contém nutriente algum. Coma pão preto, banana, farinha de milho, em vez de pão branco ou farinha branca. Coma muito os vegetais porque são fontes de excelentes nutrientes. As vitaminas se encontram nos vegetais. (*)

(*) N. do E. Em obras posteriores, o autor deixou de insistir neste tema pois considerou que, levá-lo ao extremo, conduz ao erro de se fazer da cozinha uma religião.

ESOTERISMO E PSEUDO-ESOTERISMO

Vamos começar nossa conferência desta noite. Hoje nos propomos a investigar sistemas que nos permitem experimentar o que está mais além do corpo físico, isso que pertence a outras dimensões da natureza e do Cosmo.

Bem, antes de tudo, é necessário que os irmãos prestem atenção...

Há alguns anos aconteceu em Roma um caso insólito: uma monja caía constantemente em transe mediúnicos ou hipnóticos; assumia, então, certas atitudes, que poderíamos classificar como imodestas ou obscenas. Confessou-se com o padre e relatou-lhe a questão. A questão era que ela conservava um retrato de um namorado que teve; bastava-lhe ver o retrato para cair hipnotizada naqueles transe tão estranhos. Durante tais transe, assumia, pois, posturas de uma mulher realizando a cópula sexual.

O padre interessou-se pelo caso e pediu que o trouxesse, e ela, naturalmente, assim o fez. Dias depois o padre estava de posse da foto. Não era uma foto como as atuais, pois, naquela época, não havia máquina fotográfica. Era, na verdade, um retrato pintado à mão por um retratista, o que era muito comum, na ocasião.

Contudo, ao examinar aquela foto, o padre pôde evidenciar, claramente, que tinha um aspecto bastante interessante: o desenho estava incrustado de pedras não preciosas, mas pedras de adorno ou imitações muito brilhantes. Bastava que a mulher visse as pedras para cair, efetivamente, em transe hipnótico ou mediúnico. O padre repetiu com ela o mesmo experimento, obtendo sempre o mesmo resultado.

Então, consultou uma eminente autoridade no assunto e fizeram distintas experiências com outras pessoas. Foi quando a Hipnologia ganhou grande força, e por toda parte. Eles faziam as pessoas olharem fixamente as pedras brilhantes para que entrassem em sono profundo. Por todas as partes surgiram indivíduos “impressionáveis e passivos”, submetidos ao transe hipnótico com as pedras brilhantes. Virou moda, então, a cura por meio do hipnotismo, em plena Idade Média, quando as fogueiras da Inquisição ardiam por todas as partes.

Desta forma, a Hipnologia que se estuda hoje, na Faculdade de Medicina, e a aplicação do hipnotismo à questão médica, não são novidades, pois já eram ministradas desde aquela época.

Não é demais afirmar que tais ensaios resultavam, no fundo, perigosos, porque o “Santo Ofício” estava muito ativo. Não obstante, até os próprios clérigos se interessaram pelo caso da monja.

Propagou-se, então, por toda a Europa, a Hipnologia que, de imediato, definiu-se pelo Mediunismo e procedimentos afins. Todos os tipos de experiências psíquicas se suscitaram à raiz dessa questão. Foi, então, quando

surgiram diversas escolas relacionadas com essas experiências. Muito mais tarde, entraram em cena personagens como Richard, Charcot, César Lombroso, Camilo Flamarión, entre outros.

Quanto aos experimentos, foram notáveis, porém só muito mais tarde, como resultado daquelas inquietações medievais. Não é demais recordar, por exemplo, as experiências com Eusápia Paladino de Nápoles, que despertou a atenções em toda a Europa. Na sua presença, uma mesa levantava-se no ar, violando a Lei da Gravidade.

É claro que vieram sábios de Nápoles e de toda a Europa com o único propósito, segundo eles, de “desmascarar a fraude”. Eram pessoas materialistas e céticas por natureza. Aqueles cientistas começaram a examinar o organismo físico de Eusápia Paladino: análises de urina, sangue e assim por diante, utilizando-se de um laboratório muito bem equipado.

Colocaram-na sentada em uma cadeira presa ao solo, devidamente amarrada, ou melhor, algemada a um poste de ferro, para que ela não pudesse fazer nenhum truque. Envolveram-lhe o corpo, os dedos das mãos foram presos com fios elétricos, e qualquer movimento por mais insignificante que fosse, era suficiente para soar uma campainha. Com isso, ela estava praticamente “controlada”. Entretanto, depois das sessões correspondentes, após a senhora Eusápia cair em transe hipnótico, aconteciam fenômenos extraordinários: como uma mesa que flutuou. Tomaram-se fotografias e pôde-se verificar que não havia nenhum truque. Os cientistas convenceram-se até a saciedade, de tal fato, não restando outro remédio senão o de se renderem diante das evidências.

Um bandolim que havia no chão foi levantado por “mãos invisíveis” na presença de todos, soando melodias inefáveis; outro instrumento musical, que estava dentro de uma caixa de aço hermeticamente fechada e carregada com eletricidade de alta tensão, ressoou delicadamente, tocado por “mãos invisíveis”...

A mãe de Botacci, um grande cientista, que estava morta havia muitos anos, apareceu em pleno laboratório. Fotografaram-na quando ela se dirigiu até onde estava seu filho e o abraçou, chamando-o pelo apelido carinhoso de família e dizendo: “*meu filho*”. Tudo isso foi formidável, não havia nenhum truque. Fizeram moldes de gesso das mãos e do rosto, balanças bem controladas se moviam por si mesmas, indicando determinados pesos específicos. Mãos que podiam passar sobre pedaços fosforescentes de papel eram visíveis porque para a experiência se apagavam certas luzes. Mantinham tudo controlado porque qualquer suspeita de truque era suficiente para que se acendesse uma luz. No entanto, ali não havia nenhum truque.

Depois de tudo, os cientistas regressaram a seus países de origem absolutamente convencidos e todo o ceticismo foi destruído, reduzido à poeira cósmica. Foram formidáveis tais experiências!

E o que diremos das experiências feitas por William Crookes em uma casa de Merville, Califórnia, onde aconteceram fenômenos insólitos? Começaram a cair pedras sem nenhum motivo, no interior da casa. O curioso

era que as pedras saíam por uma janela e entravam por outra; eram movimentos estranhos que não correspondiam de nenhuma maneira às Leis da Física. As mesas se levantavam no ar, cadeiras que iam e vinham, flutuando na atmosfera e outras coisas insólitas. Foi, então, quando a William Crookes, que também descobriu a “matéria radiante” e a apresentava em seus famosos tubos de cristal, coube também experimentar esses fenômenos.

Crookes notou que todos os fenômenos ocorriam na presença de duas mulheres da casa: as senhoritas Fox. Convidou também todos os cientistas da Terra para estudar o fenômeno e assim começaram as experiências. As senhoritas Fox eram acorrentadas dentro de uma câmara para se assegurar que não iam fazer nenhum truque e logo aconteciam os fenômenos.

Materializou-se Kathie King, que morrera há muitos anos. Fez-se visível e tangível em pleno laboratório e continuou se materializando durante três anos seguidos... As senhoritas Fox, entretanto, sempre caíam em estado de transe, afirmando-se que para essas materializações era necessário se utilizar a força vital delas.

O certo era que aquela “aparição” de Kathie King acontecia diante de todos os cientistas, que tomaram muitas fotografias durante três anos seguidos de materialização. Após esse período, Kathie despediu-se de todos os cientistas, entre lágrimas e soluços, dizendo: *“Já cumpri minha missão aqui no mundo físico, demonstrei-lhes que os defuntos continuam vivendo nos mundos superiores, para isto vim e minha missão já está cumprida...”*. As câmaras fotográficas registraram os processos de desmaterialização daquela defunta, porém ela deixou materializada, como recordação, uma mecha de seu cabelo...

Participaram das experiências, repito, sábios de toda a Europa, absolutamente incrédulos. Entretanto, tiveram que se convencer porque fatos são fatos, e diante dos fatos temos que nos render. Depois daquelas experiências com Kathie King, ficou demonstrado, fisicamente, o realismo do “mais-além”.

O que diremos daquele médium francês que, em estado de transe, flutuando no ar, saiu por uma janela e entrou por outra, no andar superior? Também colocava o rosto nas brasas sem se queimar. Foram fenômenos de ordem popular; como negá-los, se os cientistas os comprovaram? Entretanto, é óbvio que essas comprovações psicoexperimentais nunca levaram qualquer pessoa à Iluminação, posto que ninguém se transformou através disso. A única coisa que se conseguiu foi demonstrar a realidade das dimensões superiores da natureza e do Cosmo; todavia, ninguém se transformou com isso.

Toda essa série de experiências psíquicas e mediúnicas se popularizou e, conseqüentemente, apareceram falsas escolas de tipo Ocultista, Esoterista, Mediúnica e Espiritista – de tudo um pouco – muito populares. Não vou me pronunciar contra nenhuma instituição, porque não é esse o objetivo desta conferência. Quero unicamente dizer que tais Escolas Mediúnicas surgiram como resultado de muitíssimas investigações psíquicas; não obstante, tampouco possuem uma autêntica tradição esotérica. São escolas que não ensinam os métodos de transformação do ser humano e, embora possuam imensas

bibliotecas e muitíssimos eruditos, não conduzem ninguém à transformação ou à auto-realização íntima do Ser.

Apareceram pessoas muito curiosas, teorizando sobre esse tipo de fenômeno, denominadas de “personalidades kalkianas”, por serem pessoas desta Época de “*Kali-Yuga*”. Distinguem-se pela erudição, entretanto não possuem realmente a auto-realização íntima e não representam o Esoterismo autêntico. São pessoas cheias de dogmas, a exemplo do dogma da Evolução. Tudo isso surgiu no fundo dessas escolas fundadas por Alan Kardec, Léon Denis, entre outros.

Quando lemos profundamente Alan Kardec em *Livro dos Espíritos*, encontramos aí o dogma da Evolução. Parece que Darwin, com sua Teoria da Evolução e da Transformação das Espécies, influiu de forma muito decisiva sobre as Escolas *Kalkianas*.

Finalmente, apareceu um jargão muito curioso criado pelos eruditos que não chegaram à auto-realização e ignoram a “Sabedoria da Serpente”. Eles não possuem capacidade para investigar, “fora” do corpo físico, de forma positiva e consciente, destituídos de experiência prática, nem sobre a Alquimia e nem sobre a Cabala verdadeira. Desconhecem a anatomia oculta do homem.

Esse curioso jargão propagou-se por todas as partes, multiplicando-se por todo o mundo. Agora, possui distintos nomes. Não será minha pessoa, precisamente, quem vai publicar os nomes de todas essas “escolinhas”, porque cada um é livre para pensar como quiser, e de maneira alguma me proponho a atacar outras organizações. Direi, sim, a vocês que essas escolas têm fundamentos falsos.

Quando alguém desconhece a “Sabedoria da Serpente”, quando não é um verdadeiro alquimista de laboratório, incapaz de operar praticamente com a Alquimia e de mover-se em qualquer *Sephiroth*, quando é escravo do Dogma da Evolução e está cheio de infinitos temores e preconceitos, obviamente, marcha pelo caminho do erro.

O Dogma da Evolução é completamente falso, não tem embasamentos sólidos sobre os quais possa se sustentar. Dizem que: “*cada pessoa vai evoluindo em cada reencarnação, pouco a pouco, até que chegue o momento em que se liberta, depois de milhões de existências...*”. Quando alguém leva a sério tal teoria, não se preocupa, realmente, em trabalhar sobre si mesmo e chega a dizer o seguinte: “*Algum dia conseguirei, e se não for agora, chegarei dentro de um milhão de vidas...*”. Com essa falsa idéia perde muito tempo e, no fim, é surpreendido pelo término do seu ciclo de existências... não lhe restando outro remédio senão ingressar na Involução Submersa dos Mundos Infernais.

Tais instituições, entre outras coisas, infundem nas pessoas o temor acerca da *Kundalini*, dizendo: “*Isso é perigoso: se a Kundalini se desviar por outro lado, despertam-se as mais terríveis paixões e a pessoa fica louca!*”. Então, para que falam sobre a *Kundalini*? Melhor seria que não a citassem. E por que dizem que o despertar é “perigoso”? O melhor seria não dizerem nada. Primeiro falam maravilhas sobre a *Kundalini*: “*que abre todos os chacras,*

desenvolve todos os poderes e conduz à Iluminação”; depois, saem com essa falsa idéia de que é “perigoso” e de que o melhor é não se envolver com isso porque se fracassa... Primeiro dizem uma coisa e, depois, dizem outra: “...*Que não devemos despertar a Kundalini porque é perigoso...*”. Então, para que o mencionam, se dizem que é “perigoso”? É gravíssimo os pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas se utilizarem dessas linguagem viciada.

Obviamente, existe a Lei da Evolução e não a negamos, mas, paralelamente à Lei da Evolução, existe outra lei contrária: a da Involução. Essas leis são meramente mecânicas e nada têm a ver com a auto-realização íntima do Ser. Existe evolução no grão que germina, no caule que cresce, na árvore que desenvolve seus ramos e produz frutos. Existe involução na planta que murcha, decresce e que, no final, se converte em um montão de lenha. Há evolução na criatura que se gesta dentro do ventre materno, na criança que nasce e se desenvolve, no adolescente que luta pela existência e também no homem maduro e forte. Entretanto, há involução nos anciãos que envelhecem a cada dia mais e, finalmente, entram em decrepitude e morrem. São processos meramente naturais. Não negamos de modo algum a existência dessas leis. Mas não estamos de acordo em atribuir princípios e conceitos completamente equivocados.

Toda essa linguagem dogmática e pseudo-sapiência teórica das supostas Escolas de Ocultismo e Esoterismo barato surgiram, na realidade, como resultado desse psiquismo que existiu anteriormente: Espiritismo, Mediunismo, fenômenos das “mesas falantes”, indivíduos em transe e outras coisas. Portanto, esses falsos argumentos não têm, realmente, fundamentos sólidos, não são embasados num sistema de investigação superior. De maneira alguma me parece correto que queiramos fundamentar nossas experiências exclusivamente em “sujeitos passivos” em transe mediúnicos (e são tantos equívocos que existem no psiquismo barato!). Parece-me que os homens sérios, de forma alguma, deveriam ocupar-se de fenômenos desse jaez, de pessoas ignorantes.

Como exemplo, citarei algo muito interessante. Há pouco tempo, em um *lumisial* da Venezuela, certa mulher afeita ao Mediunismo caiu em estado de transe. (Era uma dama que ainda não tinha dissolvido o *ego* e que, portanto, de maneira alguma estava preparada para receber desideratos cósmicos ou mensagens transcendentais do Ser). Porém, o curioso é que, já estando no estado mediúnico, quis se passar por sábia. Chamou uma pessoa e disse: “*Tu recebeste a primeira Iniciação de Mistérios Maiores; tu, Fulano de Tal, tens a Quarta Iniciação; tu Beltrano, a Quinta Iniciação...*”. Resultado: todos os irmãozinhos daquele *lumisial* tornaram-se *Mahatmas*, puros *Hierofantes*. Ali não havia “gente pequena”, todos eram “gente grande”. Irmãozinhos recém-chegados e já eram *Hierofantes*... Afortunadamente, aquele *lumisial* foi fechado, graças a Deus, porque as pessoas haviam caído em um estado de loucura insuportável.

De vez em quando, acontecem esses casos nos *lumisiais* e alguma pessoa “psíquica”, cheia de *eus*, totalmente subjetiva, cai em transe e

imediatamente se torna “sábua”. Tudo isso nos indica, meus estimados irmãos, que não é uma mente desordenada que nos pode levar realmente à liberação! É claro que não!

Existe também a Ioga e não quero me pronunciar contra elas, todavia alerta, sim, sobre alguns perigos. Os *hatha*-iogues também crêm que, unicamente à base de posturas iogues, é possível a auto-realização íntima do Ser. Conceito totalmente equivocado. Aqui não quero ir ao outro extremo e dizer que todas as ginásticas são inúteis. Inegavelmente, há certas ginásticas que podem ser úteis para a saúde do corpo físico, mas de forma alguma poderiam conduzir-nos à liberação final. Aqui se trata de encontrar o Caminho!

Acontece que a humanidade vive em um labirinto sem saída. Uns querem libertar-se através da Ioga, outros, através do Espiritismo ou do Mediunismo; outros mais pensam que, recebendo as mensagens através dos médiuns tornam-se sábios. Então qual é a conclusão de tudo isso?

Vejamos o que ocorre no Himalaia, no Tibete. Existem muitos anacoretas que se encerram em cavernas por toda a vida. Seus *gurus* lhes ensinaram diversas técnicas de meditação e alguns se converteram em atletas, outros crêm que já estão livres. Há os que se alimentam, exclusivamente, com urtigas ou ervas que encontram ao redor de sua caverna, tentando transformar-se em deuses. Devemos compreender que cada um é livre para pensar como quiser, porém me agrada esclarecer mistérios...

Não podemos negar que alguns desses anacoretas tornaram-se verdadeiros atletas da meditação; em estado de êxtase, ocorre que a Essência do iogue se desengarrafa, escapa do *ego* e, na sua ausência, pode submergir-se no Vazio Iluminador. Aí, há ausência de homens e de deuses, contudo, escutam as palavras do Eterno.

Tais “santos”, submersos em meditação profunda, experimentam “Isso” que não é do tempo, “Isso” que é a Verdade. Porém, passado o êxtase ou samádi, retornam outra vez como o gênio da lâmpada de Aladim, à garrafa; retornam ao *ego* para continuar com sua penitência. Algum dia, pode ser que escapem através do estado de *maha*-samádi e se desprendam do âmbito terrestre.

Como a Essência já está acostumada, por disciplina, a se libertar e a sair do *ego*, assim procederá com a morte do corpo físico. Também poderá ocorrer, inclusive, que essa Essência entre nos “planetas do Cristo” (que giram ao redor de nosso Sistema Solar, como giram os planetas físicos) para desfrutar de um samádi maravilhoso.

Acontece que nos “planetas do Cristo” existe uma natureza muito distinta da nossa. Da mesma forma que a nossa natureza física, a natureza do mundo físico também está submetida aos processos de nascimento, crescimento, desenvolvimento e morte. Quanto à natureza dos “planetas do Cristo”, que giram em torno do Sol, ela é totalmente diferente. É uma natureza imutável, eterna, que não está submetida nem a mudanças e nem à morte. Portanto, aqueles que vivem nos “planetas do Cristo” são felizes, gozam internamente dos

esplendores do Cristo Íntimo e vivem em um êxtase permanente. Dessa maneira, esses iogues, cujas Essências se libertaram, gozarão, por algum tempo, da felicidade dos “planetas do Cristo”: poderão flutuar pelo ambiente circundante, mas, com assombro, compreenderão que não são habitantes desses mundos; que só são admitidos como visitantes, porém realmente não têm o direito de viverem aí. Essa realidade tremenda os levará a compreender que ainda estão “incompletos”, que não estão livres, como criam antes de morrer. Assim, com dor, regressarão como o gênio à lâmpada de Aladim, à garrafa, isto é, ao *ego*. Igualmente há muitos que viveram no Tibete, venerados como “deuses”, considerados santos e *iluminados*, que desencarnaram em *maha-samádi* e, agora, vivem no mundo ocidental, como pessoas vulgares e comuns.

De maneira que, quando não se elimina o *ego*, não se logra a libertação final; esta é a crua realidade dos fatos. Ainda que pratiquem muitos exercícios iogues, ainda que se encerrem em cavernas isoladas do mundo, alimentando-se só com ervas silvestres, se não eliminam o *ego*, não se libertam.

Bem, tem-se falado muito, nessas falsas Escolas Esotéricas e Oculistas, acerca da constituição septenária do homem. Todas essas Escolas *Kalkianas* têm, em suas bibliotecas, livros que mencionam os sete corpos do “Homem” e afirmam peremptoriamente que toda criatura humana tem os sete corpos. De acordo com isso, todos são “Mestres”.

Porém, a que se deve esses erros? Deve-se a interpretações errôneas sobre a cultura oriental. Se houvessem interpretado corretamente as coisas, não teriam “metido a pata”, como têm feito.

Na realidade, o ser humano, ou melhor, o “humanóide intelectual”, possui, somente, o corpo físico juntamente com seu “assento vital” orgânico. Esse “corpo vital” é o que os hindus chamam de *lingam sarira*. Todavia, os dois supostos corpos formam um mesmo corpo – o chamado “corpo vital ou duplo etérico”, o qual não é mais do que a parte superior do corpo físico. Isso porque o corpo físico é tetradimensional, tem quatro dimensões, e a “quarta vertical” se corresponde com o “corpo vital ou *lingam sarira*”.

No entanto, deixando de lado esta questão do corpo planetário com seu “assento vital orgânico”, o que é que o *humanóide* possui? A única coisa que ele possui internamente é um montão de “diabos”. Será um pouco duro dizer isso, mas é verdade. Aqueles que destruíram o *ego* e que, portanto, desfrutaram da verdadeira *Consciência desperta* poderão verificar, por si mesmos, o que estou afirmando.

No *humanóide*, sim, há algo digno, não o negamos: a Essência ou *Budhata*, como dizem os orientais, falando à luz do Budismo *Zen* ou *Chang*. Essa Essência, desgraçadamente, está enfrascada nos diversos “elementos inumanos” que levamos em nosso interior. De maneira que esses “elementos inumanos” são, na realidade, um montão de “diabos”: os “demônios vermelhos de Seth”, como eram chamados no Antigo Egito. Agora, falando em linguagem tibetana, diremos que esses “elementos egóicos” são os “agregados psíquicos”, vivas personificações inumanas dos nossos defeitos psicológicos.

É isso, pois, o que tem o ser humano, ou melhor, o *humanóide*. Porém, em que ficamos sobre o “corpo astral” de que falam as falsas Escolas Esotéricas e Ocultistas? O que dizemos acerca dos famosos “manas inferior” e “manas superior”, ou seja, dos “corpos mental e da vontade consciente ou causal”? Dizemos que o *humanóide* não possui esses corpos! Então, por que os pseudo-esoteristas afirmam que todas as pessoas possuem esses corpos? Por uma interpretação errônea dos Ensinos Orientais que foram difundidos no mundo ocidental, induzindo muitas pessoas ao erro. Os “corpos astral, mental e causal” terão que ser fabricados, isso é evidente. Como se fabricam esses corpos? Como se poderia fabricá-los sem que se tenha noção de Alquimia?

Antes de tudo, mister se faz estudar a Alquimia e tornar-se eficiente nesta Ciência. Os alquimistas agitaram toda a Idade Média e só puderam salvar-se graças ao que diziam: que estavam procurando a fórmula para fabricar ouro, que desejavam ajudar o rei e o governo de cada nação. Desse modo, escapavam da fogueira, sendo também conhecidos como “sopradores”. Na casa dos alquimistas nunca faltava um laboratório: enormes e antigos foles usados para soprar o fogo, crisóis, enormes panelas, chaminés e demais utensílios próprios de um laboratório.

Quando alguém visitava uma dessas casas, de imediato sabia que estava na presença de um alquimista. Alguns chegavam a fabricar sabão para dissimular o seu trabalho. Todavia, geralmente, todos esses artefatos de laboratório não eram mais do que o símbolo vivo do corpo da Doutrina Alquimista.

Os árabes trouxeram a Alquimia do Egito e levaram-na para toda a Europa, onde monges medievais e eminentes mestres aceitaram-na. Temos, como exemplo, alguns personagens como o abade Tritemus, um monge beneditino, alquimista que foi o Mestre de Paracelso, outro grande médico e alquimista que também logrou a Pedra Filosofal e o *Elixir da Longa Vida*. Paracelso ainda vive porque o conheço, pessoalmente. Os que crêem que Paracelso morreu estão totalmente equivocados.

E quanto ao Dr. John Fox, médico, ilusionista e mago, que viajava em seu cavalo de Praga até Varsóvia, naquela época assombrou todo o mundo: transmutou o chumbo em ouro e ainda hoje está vivo. Dentre os três discípulos do abade Tritemus, o único que não conseguiu maiores triunfos foi Cornélio Agripa. Esse discípulo cometeu o erro de passar a vida raciocinando, fazendo silogismos, prosilogismos, metido no círculo vicioso do raciocínio. Quando quis realizar a Grande Obra, já estava velho, não pôde. A morte o surpreendeu quando estava lutando para dissolver o *eu*, querendo tomar posse de si mesmo, porém, já era tarde e fracassou.

Mediante a Alquimia, aprende-se a fabricar o “mercúrio dos sábios”, com o qual se pode fabricar os corpos existenciais superiores do Ser. Indubitavelmente, transformando o *exiohehari*, isto é, o esperma sagrado, elabora-se “o mercúrio dos sábios”. Inquestionavelmente, essa “matéria venerável” tem que passar por alguns processos de purificação antes de tornar-

se útil. O esperma sagrado, essa “água misteriosa”, passará pelas operações aritméticas de soma, subtração e divisão de princípios, antes de se tornar útil.

É óbvio que, no princípio, o *exiohehari*, resultado das transformações do esperma, é preto, porém quando se refina o Sacramento da Igreja de Roma (Roma ao inverso, lê-se: Amor), as águas tornam-se brancas, continuando-se com o processo de refinamento sexual até que, no final, as águas brancas tornam-se amarelas. Ao chegar a este nível, o *enxofre* é liberado de suas prisões ou centros magnéticos, situados nos infernos atômicos do homem.

O *enxofre* é o fogo que é liberado para misturar-se com o *mercúrio* e, assim, obtermos o “*mercúrio enxofrado*”, que sobe pelo canal medular-espinhal até o cérebro. O excedente desse *mercúrio*, depois de saturar as células orgânicas, cristaliza-se dentro de nosso corpo, na forma extraordinária e maravilhosa do “veículo astral ou sideral”. Quem tem um “corpo astral” sabe que o possui, porque pode viajar com o mesmo: pode flutuar no espaço, transportar-se a outros mundos etc. É uma espécie de duplo organismo, extraordinário, formidável, maravilhoso.

Uma vez que alguém possui o “corpo astral”, pode dar-se ao luxo de criar, para seu uso particular, um “corpo mental”, que também é o resultado das condensações do *mercúrio*. Quando o *mercúrio* condensa-se na forma do “corpo mental”, então transformamo-nos. Alguém que possua o “corpo mental” pode absorver a sabedoria da natureza, tendo acesso aos templos de Hermes Trismegisto – o “Três Vezes Grande Deus Íbis de Thot”. Quando se chega a este ponto, passa-se a se preparar para fabricar o “corpo da vontade consciente”. Esse corpo também vem a se cristalizar com as condensações do *mercúrio* dos sábios...

Dessa forma, uma pessoa que tenha os “corpos físico, astral, mental e causal” pode, de fato, receber os princípios étnicos, búdicos ou anímicos que o convertem em “Homem-Real”. Isso quer dizer que, antes disso, não se é “Homem”. Antes desse momento, não se é mais que um “animal intelectual”.

Um professor de Medicina do Distrito Federal (México), dizia que esses “seres humanos” não são mais do que “mamíferos racionais”. Falar “mamífero racional” ou “mamífero intelectual” é a mesma coisa. Façamos, pois, uma grande diferença entre o que é o “mamífero intelectual” e o que é o “Homem”. Só quem possui todos os “veículos internos” é realmente “Homem”.

Agora, uma coisa é ser “Homem-Real” e outra coisa é ter capacidade para ser um investigador competente da vida nos mundos superiores. Uma pessoa pode ser chamada de “Homem” no sentido mais completo da palavra e, não obstante, não ser um investigador competente da vida nos mundos superiores. Para sê-lo, necessita de eliminar o *ego*.

Não é por meio do Mediunismo que se vai obter dados exatos, nem sobre a vida nos “mundos superiores” nem sobre os mistérios de além-túmulo. Não é com sujeitos em estado de hipnose que podemos ter algumas referências sobre o “mais-além”. Quem quiser, verdadeiramente, ser um investigador nos mundos superiores, precisa destruir o *ego*, isto é, passar pela “aniquilação

budista”. Enquanto não deixar de existir aqui nos mundos internos como *ego*, jamais terá a lucidez verdadeira, nem a objetividade exata para poder, certamente, ser um investigador sério e idôneo da vida nos mundos superiores.

Um indivíduo em estado de hipnose, subjetivo, falará do além-túmulo, dirá que fulano é um *Mahatma*, citará muitas coisas absurdas, mas não terá objetividade, é verdadeiramente uma Essência engarrafada no *ego*.

Para ser um investigador idôneo, é necessário que o *ego* seja aniquilado. Se o *ego* é reduzido à poeira cósmica, então a Consciência ou o Ser, fica completamente livre. Uma Consciência livre é uma Consciência iluminada, uma Consciência que pode experimentar diretamente o real, uma Consciência realmente emancipada é idônea para a investigação. Somente uma Consciência assim poderá nos instruir sobre a Lei do Carma, sobre as Leis da Evolução e da Involução, sobre os Mundos Infernais. Todavia, que alguém com *ego* queira nos informar sobre tudo isso não é possível, porque uma “pessoa egóica” não possui uma Consciência livre e resplandecente. É uma pessoa com a Consciência enfrascada, aprisionada em meio a distintos receptáculos de matéria e não possui idoneidade indispensável para tal investigação.

Assim, meus queridos amigos, propomo-nos, nesta Instituição Gnóstica, a ministrar os ensinamentos exatos que lhes permitam passar pela “grande aniquilação”, para que vocês se convertam em investigadores competentes da vida nos mundos superiores.

Quem são as pessoas que têm dito à humanidade que todos possuem os sete corpos e traçam esquemas sobre essa questão? Indivíduos que não destruíram o *ego*. Então, com que direito o fazem, e por que o fazem? Dessa forma, conduzem outros ao erro. Porém, desgraçadamente, existem em abundância os pseudo-sapientes, as personalidades *kalkianas*, por todas as partes. Isso é como uma espécie de veneno que se propaga em todas as direções do mundo.

Há que se conhecer também, profundamente, a “Sabedoria da Serpente”. Quando não se conhece a “Sabedoria da Serpente”, vive-se em trevas e não se logra a liberação. Por exemplo, sustentam-se equivocadamente essas falsas escolas, através de seus argumentos corrompidos e inúteis: que a *Kundalini* pode *despertar* a qualquer momento, seja através da meditação, *pranaiamas*, imposição de mãos do guru etc. Tudo isso é absolutamente falso, porque a *Kundalini* não é despertada dessa maneira. Quem são as pessoas que falam isto? As que não estudaram os *Tantras* tibetanos e que jamais investigaram os Tesouros de Anáhuac.

É bom saber que, nos códices que restaram, os que foram salvos do vandalismo dos *gachupines*, está escondida a “Sabedoria da Serpente” nas suas entrelinhas. Leve-se em consideração que a Grande *Tenochtitlan* foi uma “Civilização Serpentina”. De modo que, nós, os mexicanos, temos uma tradição serpentina; essa é a crua realidade dos fatos.

Há os que afirmam que na Índia há tesouros extraordinários, não o negamos, mas na Índia secreta. Entretanto, aqui no México, fala-se claramente

acerca dessa sabedoria. Em Yucatán, por exemplo, encontrei uma representação de uma grande serpente de pedra com um homem entre suas fauces, como se fosse engoli-lo...

O PEQUENO MUNDO EM QUE VIVEMOS

Inquestionavelmente, necessitamos reflexionar um pouco sobre nós mesmos... Disseram-nos que somos o microcosmo do macrocosmo, porém vivemos realmente, por assim dizer, nas partes inferiores de nossos cinco centros. Já sabemos que temos cinco centros: o intelectual, o emocional, o motor, o instintivo e o sexual.

Indubitavelmente, este microcosmo a que pertencemos é controlado por todos os nossos interesses pessoais. Por tal motivo, nem sequer nos damos conta do que é realmente o planeta Terra. Poderíamos dizer que vivemos em nosso próprio microcosmo (o Cosmo pequeno, infinitesimal). No entanto, pelo fato de nos acharmos completamente presos pelos sentidos externos, nem sequer, repito, podemos assegurar que vivemos realmente no planeta Terra. Vivemos em nosso microcosmo particular, mas não no planeta Terra. Por quê? Porque em nossas mentes, sentimentos, desejos e emoções vivem em nós, dentro de nosso pequeno mundo; os interesses mesquinhos nos controlam, não temos tempo para pensar em outra coisa que não sejam nossos interesses egoístas e nossas paixões.

Por isso, francamente, não vivemos verdadeiramente no planeta Terra (o que parece paradoxal, mas é verdade). Quem poderia vangloriar-se de conhecer realmente o planeta em que vivemos? A Terra é um mundo com sete dimensões e quem o conhece? Sabemos que no mar, sobretudo em certas zonas profundas e isoladas dos oceanos Pacífico e Atlântico, há fenômenos extraordinários e lugares onde os navios não podem avançar chamadas de “águas mortas” (águas para as quais há uma explicação...).

Ao friccionarmos um fósforo com o propósito de obtermos fogo, é obvio que dele surge o fogo. No entanto, antes da fricção, o fogo já existia no fósforo em estado latente; com a fricção, a única coisa que fazemos é permitir que o fogo surja. Entretanto, as pessoas crêem que antes da fricção o fogo não existia no fósforo. Então, se o fogo não existia, de onde surgiu? Do nada, algo não pode sair. Sendo assim, o fogo existia antes do fósforo. E qual é a natureza do fogo? Sobre isso nada foi explicado. Os cientistas se limitam a dizer que “é o produto das combustões”, isto é, saem pela tangente. Este conceito não é mais que um remendo para ocultar a ignorância.

Estuda-se a mecânica dos fenômenos, porém o que se sabe sobre a vida? Os cientistas poderão conhecer toda a mecânica da vida, porém, o que sabem sobre o “fundo vital”? Nada! Há alguns meses divulgaram em um noticiário jornalístico que era possível engendrar criaturas em qualquer laboratório. Coisa absurda: filhos de simples laboratório, “bebês de proveta”! Poder-se-á ver maior estupidez? E em que consistia a celeuma? Bom, simplesmente porque haviam feito a união entre um espermatozóide com um

gameta, isto é, com um óvulo; depois de unidos, colocaram-no em seu lugar dentro do organismo feminino e, com isso, processa-se a gestação. Isso não tem nada de novidade (porque se trata da famosa inseminação artificial). Todavia, os cientistas pensavam que já estavam criando vida.

Se colocássemos as substâncias químicas das quais são constituídos o espermatozóide e o óvulo e pedíssemos aos cientistas que fizessem um par de gametas masculino e feminino, estou certo de que o fariam, mas se depois pedíssemos que, depois de unidos os gametas artificiais, os depositassem no lugar correspondente, dentro do corpo feminino para gerar uma criatura ou, simplesmente, que os colocassem em uma “proveta” muito especial, estou certo de que dali não sairia nada.

Certo dia, um materialista ateu, inimigo do Eterno, discutia com uma pessoa muito religiosa e chegaram à discussão por causa daquela proposição clássica: “Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha”? (Uma questão que não tem uma solução final): Quem pôs o ovo? A galinha. E de onde saiu a galinha? Do ovo. E o ovo de onde saiu? Da galinha... O resultado é que esta questão nunca chegará ao fim. Contudo, depois de tanto discutir, o religioso desafiou o materialista para que fizesse um ovo, e dele conseguisse gerar um pinto. O materialista disse que o faria e o fez (um ovo muito bem feito). Depois de feito, o religioso disse: “Agora vamos chocá-lo em uma galinha para que gere um pinto”... E colocaram o ovo para chocar em uma galinha, mas não saiu nada (era um ovo morto, sem vida). Isto nos lembra muito Dom Afonso Herrera, o grande sábio mexicano que conseguiu fabricar uma célula sem vida, inerte. Sempre foi uma célula morta, nunca teve vida realmente, apesar de ser estruturalmente perfeita: com seu núcleo, sua membrana etc. Era uma célula que nunca teve vida, repito, uma célula morta.

Assim, vivemos em um planeta que desconhecemos, ou melhor, não vivemos no planeta, vivemos em nosso pequeno mundo, pois cada um de nós está condicionado pelos próprios interesses, paixões, desejos e preocupações. Não vivemos propriamente no planeta Terra...

Disseram-nos que existem os sentidos internos e não os negamos; claramente, há mais sentidos internos que externos. As distintas escolas têm métodos para desenvolver os sentidos internos, porém, digo a vocês meus caros irmãos que, se quisermos desenvolvê-los, devemos começar a ativar o sentido da observação de nós mesmos. Esse sentido está latente em cada um de nós e precisamos desenvolvê-lo através da prática. Conforme vamos usando esse sentido, por si mesmo, ele irá se desenvolvendo e, à medida que progredirmos na observação de nós mesmos, outros sentidos também se ativarão. Finalmente, no dia em que, mediante a auto-observação íntima, nos tenhamos conhecido a fundo, integralmente e em todos os recôncavos da mente e do coração, os múltiplos sentidos internos que possuímos se expressarão e se desenvolverão preciosamente. Eis por que se diz: *Nosce te ipsum* (Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os deuses).

Conforme nos vamos tornando reflexivos, também vamos compreendendo o estado lamentável em que nos encontramos... Como as pessoas não vivem senão dentro do pequeno mundo que carregam, ou seja, nos andares mais baixos da máquina, é claro que não entendem de assuntos relacionados com o Cosmo e nem sequer sentem interesse, por isso que estão mais além delas mesmas. As únicas coisas que interessam são os assuntos mesquinhos, a satisfação plena de seus vícios, de suas paixões, de seus interesses criados, suas preocupações, seu egoísmo, dinheiro e mais dinheiro, fornicção, álcool... assim é a humanidade. Por outro lado, quando se fala dos Sete Cosmos e se tenta fazer com que as pessoas comecem a estudar as suas leis e princípios, francamente, não sentem muito interesse, porque tais assuntos estão mais além delas mesmas, não fazem parte de suas preocupações mesquinhas; essa é a crua realidade dos fatos.

Necessitamos estudar a *Gnosis* profundamente e para isso temos os livros e as conferências. No entanto, não basta a simples leitura das obras, há que se ir mais longe, irmãos... Não há dúvida de que no princípio necessita-se de ler, escutar as gravações, assistir às aulas, anotar nos cadernos e aprender de memória. A memória é o princípio formativo, mas não é tudo. Se confiássemos sempre na memória, em geral, de nada nos serviria, porque a memória é cem por cento infiel. O que se confia à memória, cedo ou tarde, se perde. Se quisermos, verdadeiramente, aproveitar estes ensinamentos, necessitamos de depositá-los na Consciência. No princípio, não nego que necessitamos da faculdade formativa, isto é, da memória, porém o conhecimento não deve ficar aí.

Quando, através da meditação, procuramos conhecer o sentido íntimo daquilo que depositamos na memória, então, tais conhecimentos aí depositados passam às partes superiores do centro intelectual. Agora, se buscamos ser mais conscientes do ensinamento, todo o conhecimento será, definitivamente, absorvido pelo centro emocional e não mais pelo centro intelectual (devemos distinguir entre o centro emocional e o centro intelectual).

Quando o conhecimento se tornar emocional, quando tiver sido depositado no centro emocional, é absorvido, por último, na Essência, na Consciência. O conhecimento que se torna consciente não se perde, nunca, nem mesmo com a morte do corpo físico, porque ao retornarmos, traremos tudo na Consciência. Todavia, o que se deposita exclusivamente na memória, cedo ou tarde, se perde. Por esse motivo, meus caros irmãos, é aconselhável depositarmos o conhecimento na Consciência.

Repito, primeiro há que se estudar; depois, depositar toda a informação no centro formativo; em seguida, buscar capturar, apreender o sentido íntimo de tudo o que depositamos na memória. Com isso, sentimos todo o conhecimento como algo, digamos, sentimental, emocional para ser mais claro, porque passa à parte emocional do centro intelectual. Apesar disso, se insistimos em procurar apreender ou capturar o essencial do conhecimento, então se tornará emoção vívida, passará ao centro emocional e através de novas meditações tornar-se-á

consciente. Isso ocorrerá quando, no final, o conhecimento emocional submergir-se na Essência, na Consciência. Esse é o processo pelo qual tem que passar o conhecimento, a fim de que se torne consciente...

As pessoas comuns e correntes vivem presas aos sentidos extremos; entretanto há pessoas que já estabeleceram, em si mesmas, um centro de gravidade permanente. São aquelas que, em vidas anteriores, estiveram nestes estudos. Essas pessoas buscarão o ensinamento, terão anelo por ele, sentirão que, além do mundo dos sentidos, existe algo e não se equivocam: muito além destes sentidos que utilizamos para fazer contato com o mundo exterior, encontramos a Essência. Não há dúvida de que as pessoas com um centro de gravidade permanente anelam, verdadeiramente, algo distinto, diferente. Apesar de todas as contingências da existência, suas Essências permanecem imutáveis, porque não foram deterioradas ou alteradas.

Portanto, é na Essência que está o melhor que possuímos; a Essência é a Consciência, o mais decente e digno do nosso Ser.

Existem duas correntes de pensamento em cada um de nós: uma vem da personalidade, a outra, da Essência.

Também podemos dizer que são os pensamentos advindos da personalidade cultivada, pois apesar de parecerem mais brilhantes, não possuem um conteúdo confiável e seguro. Quanto aos pensamentos provenientes da Essência, estes sim, são superiores. Nesse caso, necessita-se de uma boa capacidade de observação para distinguir estes, daqueles.

Ocorre que, como os pensamentos da Essência são mais simples e os da personalidade, mais complicados, poderíamos nos confundir e crer que estes são superiores àqueles. Não obstante, esta confusão fundamenta-se, exclusivamente, na ignorância. Os pensamentos da Essência, ainda que não tenham muita erudição e sejam muito simples, inquestionavelmente são superiores.

Quando alguém começa a ocupar-se um pouquinho com sua situação na existência, quando se dá conta de que não é mais do que um habitante da Terra, que é tão pequena... quando reflexiona que a Terra é um pedaço do Sol, um pedaço desprendido do Sol, inegavelmente isto está nos indicando que sua Essência encontra-se, digamos, em desassossego, possui anelo, algo superior.

Obviamente, tais pensamentos, ainda que sejam muito simples, não interessam às pessoas que vivem no microcosmo, dentro do infinitesimal mundo dos sentidos comuns. Ninguém sentiria o desejo de saber se a Terra é um pedaço do Sol e se o Sol pertence à Via Láctea, a menos que da Essência saísse, digamos, tal anelo que, embora simples, no fundo é grandioso. Por conseguinte é necessário que os irmãos compreendam que o mais importante que temos em nosso interior é a Essência, a Consciência.

São muitos os que se preocupam com os poderes mágicos, porém afirmo que a Essência desperta possui, em si mesma, belíssimas faculdades. O que necessitamos é desenvolvê-las e, para tal, precisamos trabalhar sobre nós mesmos. Quando, verdadeiramente, ocupamo-nos em eliminar, de nossa natureza íntima, os defeitos psicológicos como a ira, a cobiça, a luxúria, a

inveja, o orgulho, a preguiça, a gula etc., a Essência, naturalmente, começa a se desenvolver maravilhosamente.

Normalmente, a Essência está engarrafada, como já disse tantas vezes, nesses múltiplos “elementos inumanos” que carregamos em nosso interior: os defeitos psicológicos. À medida que vamos desintegrando os *eus*, a Essência vai ficando absolutamente livre, completamente desperta, com uma espontaneidade preciosa nesse mundo de manifestação física.

À medida que vamos aniquilando o *ego*, o *eu* da Psicologia, o “mim mesmo”, a Essência se irá libertando. Com a morte radical do *eu*, do “mim mesmo”, do “si mesmo”, a Essência ficará absolutamente livre e poderá se manifestar através de um corpo humano, através de um cérebro (ou de três cérebros – porque realmente não temos somente o cérebro intelectual, mas também o cérebro emocional e o cérebro motor) –, tornando-se maravilhosa. Através da Essência resplandecerão os poderes da clarividência, clariaudiência, telepatia, o “desdobramento astral” e demais sentidos íntimos que aqui não podemos enumerar.

Portanto, o único procedimento para se conseguir poderes é o da morte mística. Por isso, disseram-nos: “*Se o gérmen não morre, a planta não nasce...*”. Quando morremos em nós mesmos, e esse “querido ego” que levamos interiormente é pulverizado, os poderes afloram, porque surge a Essência livre com inúmeras faculdades, de preciosos sentidos e capacidades formidáveis.

Existem também muitas instituições que ensinam como se desenvolver os *chacras* para se conseguir poderes mágicos; algumas delas ensinam práticas que poderíamos classificar de “tenebrosas”. Certamente podemos afirmar, meus queridos irmãos que, se nos preocupássemos somente em desenvolver poderes e não aniquilássemos o “mim mesmo”, o “si mesmo”, o *eu* da Psicologia, a única coisa que poderia acontecer seria nos convertermos em magos negros. As Sagradas Escrituras falam claramente disso quando mencionam: “*Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua Justiça, que tudo o mais vos será dado por acréscimo*”.

Observem como uma criança recém-nascida é bela; isso porque a única coisa que se expressa nela é a Essência (porém, e repito, estou falando de um recém-nascido). Os que pensam que uma criança recém-nascida encontra-se inconsciente, adormecida, estão profundamente equivocados. Ela vê cada um de vocês com piedade, está mais desperta. Se vocês crêem que um recém-nascido não se dá conta da vida de vocês, estão perfeitamente equivocados; não só se dá conta do modo como vocês vivem, como também, e o que é pior e mais lamentável, percebem as tenebrosidades que vocês carregam internamente.

Não quero dizer que cem por cento da Essência se expressem em uma criança recém-nascida, não. Num recém-nascido que retornou à existência (ou seja, que se reincorporou em um organismo humano), atua somente uma fração mínima da Essência. Não obstante, essa fração está livre e também desperta, autoconsciente. É pena que a totalidade da Essência não possa se expressar.

Praticamente, exprime-se dela só uns três por cento, em uma criança recém-nascida, contudo esse percentual está livre, desperto e consciente. Por isso, a criança tem muitos sentidos íntimos em plena atividade.

Claramente, à medida que o tempo passa, tudo vai mudando: aquela criança, devido especialmente à influência dos mais velhos, vai “adormecendo”; a criança começa a imitar os gestos dos adultos, suas emoções inferiores, até ficar também “adormecida”, fazendo o mesmo que os adultos.

Como o *eu* é múltiplo, qualquer *iluminado* que se proponha a observar uma criança recém-nascida poderá ver o seguinte: a criança em seu berço desperta uma fração mínima da Essência, parte essa que está completamente desperta e autoconsciente. Por isso, a criança vê ao redor do berço “criaturas” que tentam manifestar distintos *egos*, algumas com belas formas, outras com formas horripilantes indo e vindo, entrando e saindo do quarto, revolteando por sobre o berço. São os *eus* que querem se manifestar. Dentro desses *eus* estão divididas as outras partes da Essência, isto é, os noventa e sete por cento da Essência que estão embutidos em cada um desses elementos. (Em um determinado *eu* está embutida determinada quantidade de Essência, em outro *eu*, outra quantidade). Esses múltiplos *eus* que revolteiam ao redor do berço querem manifestar-se, expressar-se, introduzir-se no corpinho da criança, mas não o podem ainda. Na medida em que a nova personalidade infantil vai se formando, através do exemplo dos mais velhos, do meio e da escola, os *eus* vão tendo, também, oportunidade para se expressar, depois que a fontanela frontal dos recém-nascidos se fecha, vocês podem observar perfeitamente nas crianças que o osso parietal superior, a fontanela frontal chamada de moleirinha, está ligeiramente aberto). Enquanto estiver aberto, tudo corre bem, porém, à medida que a fontanela frontal vai se fechando, a personalidade também vai se desenvolvendo, permitindo que os *eus* comecem a intervir cada vez mais. Então, começamos a ver, nas crianças, certas manifestações de ira (especialmente entre três e quatro anos de idade), tornando-as irascíveis. Pouco a pouco, todos os *eus* vão tendo oportunidade para se manifestar definitivamente. É muito interessante observarmos as crianças recém-nascidas...

Que bom seria se a Essência não estivesse engarrafada, embutida em todos os *eus*; que bom seria se a criança crescesse sem que nenhum *eu* se introduzisse nela e que toda a sua Essência atuasse durante a vida inteira. Com isso, todos os cinco “cilindros da máquina” – intelectual, emocional, motor, instintivo e sexual – estariam sob o controle da Essência, atuando em harmonia com o infinito. Lamentavelmente os noventa e sete por cento da Essência estão engarrafados entre os diversos “elementos inumanos” que constituem o *ego*, o *eu*. Por isso, necessitamos desenvolver a Essência. Precisamos desengarrafá-la, desenfrascá-la, para logarmos os múltiplos poderes naturais e divinos que se expressarão com toda beleza e poder. Não necessitamos de nos afanar para conseguir poderes, devemos nos dedicar a morrer em nós mesmos, aqui e agora, porque somente com a morte advém o novo.

Observem a vida dos grandes cristãos: não se preocupavam em conseguir poderes, só se ocupavam com a santidade, em eliminar cada um de seus defeitos psicológicos, morrer em si mesmos e, à medida que o faziam, manifestavam-se múltiplas faculdades supranormais. Foram conhecidos sempre como santos, tanto oriundos do Oriente como do Ocidente. Por isso, a santidade é o aspecto mais importante, meus queridos irmãos. Aqui, termina minha exposição. Se alguém tem alguma pergunta, pode fazê-la com a mais inteira liberdade.

Pergunta: *Mestre, você nos explicou o processo pelo qual deve passar o conhecimento, a fim de que se torne consciente. Pergunto se a natureza da Verdade é de caráter emocional ou instintivo?*

Resposta: A Verdade é algo que não se pode definir, porque quando assim o fazemos a desfiguramos. Por outro lado, podemos dizer que os passos para que o conhecimento se torne consciente são delineados da seguinte forma: primeiro, estuda-se para que o conhecimento fique depositado na memória; segundo, medita-se com a intenção de capturar o profundo significado do que foi depositado na memória e quando isso acontece (mediante a meditação) o conhecimento passa à parte emocional do centro intelectual. Aqui cabe explicar que o centro intelectual se divide em três partes: a parte intelectual superior, a parte emocional e a parte motora. Diremos que o conhecimento passa à parte emocional do centro intelectual quando começamos a sentir aquele “sabor” do que foi depositado na memória. Em um estado mais avançado da meditação, tal conhecimento abandona, definitivamente, o centro intelectual, para ficar depositado no centro emocional. Posteriormente, também mediante a técnica da meditação, fazemos com que, finalmente, o conhecimento passe do centro emocional à Essência. Nessa, definitivamente, o conhecimento, ou seja, as Verdades levadas à Essência, tem um sabor mais emocional (e aqui falo não de emoções inferiores, mas de emoções superiores). A emoção superior permite a qualquer Verdade passar à Essência, ficando aí depositada. O frio intelecto analítico de um Aristóteles, por exemplo, é completamente coxo e não permitiria, nunca, que o conhecimento se tornasse consciente, ficaria depositado na memória e isso é tudo. Por isso é que entre os sistemas aristotélicos (que são meros raciocínios frios) e os sistemas platônicos ou porfídicos (de Porfídio), prefiro os de Platão. Os métodos neoplatônicos e das Escolas de Jámblico e Porfídio são emocionais e nos permitem levar o conhecimento à Consciência, tornando-os conscientes, coisa que não se obteria com o frio raciocínio aristotélico e isso é tudo. Há alguma outra pergunta?

Pergunta: *Venerável Mestre, de que maneira poderíamos conseguir fazer com que a criança, à medida que sua nova personalidade vai se formando, não se deixe aprisionar pelos eus?*

Resposta: Pois a Verdade é o que é (*verbum est codex*)... Indubitavelmente, em uma criança recém-nascida se expressa uma fração mínima de sua Essência, por isso ela é formosa e sublime. Infelizmente, e isso é o pior, cedo ou tarde – sobretudo depois que se fecha a fontanela frontal dos

recém-nascidos –, os *eus* começam a se manifestar, introduzindo-se no seu corpinho, porque não foram dissolvidos. Se pudéssemos orientar as crianças desde a infância, deveríamos ensinar-lhes o caminho da *Gnosis*, mostrar-lhes o que são seus *eus*. Não obstante, isso já seria um capítulo à parte, uma questão para abordarmos em outra conferência, porque seria muito longo falar sobre a educação das crianças. Unicamente limito-me a dizer que, enquanto existam *eus*, estes terão que se manifestar. O desejável é que nós desintegremos os *eus* para que a Essência fique livre. Neste caso, ao retornarmos e nos reincorporarmos em um novo “veículo”, retornaríamos completamente despertos e seguiríamos com firmeza pela Senda do Fio da Navalha, seríamos diferentes. Infelizmente, ao nos reincorporarmos cedo ou tarde, os *eus* começam a se manifestar penetrando no corpo, acabando com essa beleza própria dos recém-nascidos. Por isso é que o Cristo disse: “*Enquanto não seiais como crianças, não podereis entrar no Reino dos Céus...*”. Necessitamos reconquistar a inocência na mente e no coração. Muitos crêem que a inocência torna o indivíduo mais débil, mais tolo, e que qualquer um pode explorá-lo miseravelmente, que todo o mundo faz dele o que quer. Todavia, é um conceito falso emitido pelo *ego* que se crê forte, onipotente, poderoso; realmente, não é assim.

A verdade é que quando alguém desintegra o *ego*, surge a inocência, mas com sabedoria, porque a desintegração de cada elemento nos dá sapiência...

Reflexionem bem sobre o que é o processo da ira. Quantas são as situações que provocam a ira? Múltiplas, não é correto? Pode haver ira pelo ataque de ciúmes, porque nos sentimos defraudados, por causa de alguém que nos feriu o amor-próprio. Bem, detalhada como surgiu, como se processou, é muito interessante. Quando dissolvemos algum *ego*, como por exemplo o *eu* da ira, é porque o compreendemos previamente e, com isso, adquirimos uma sabedoria formidável. Se vocês querem o “pão da sabedoria”, têm que ir compreendendo cada um dos “elementos indesejáveis” que vão desintegrar e, com isso, adquirirão sapiência. Em resumo, quando vocês desintegram o *ego* totalmente, libertam as suas Essências, tornam-se inocente com essa sabedoria e sapiência que o protege, permitindo-lhes conhecer não somente o bom e o mau, mas também distinguir o mau do bom e o bom do mau.

Pergunta: *Mestre, é correto afirmar que, à medida que vamos dissolvendo os egos, estes vão se tornando cada vez mais pequeninos, deixando suas formas horrendas e se embelezando? Podemos dizer assim?*

Resposta: Sim, é correto! Os *eus* têm formas variadas. Há *eus* monstruosos que parecem verdadeiras bestas horripilantes e qualquer clarividente que os observe, fica horrorizado.

Vocês já observaram que as crianças recém-nascidas costumam assustar-se de repente, dando gritos sem motivo algum? Isso se deve ao fato de que eles vêem alguns de seus próprios *eus* revoloteando no berço, causando-lhes pavor. Se isso acontece com os recém-nascidos, o que diremos das pessoas que vivem no Abismo? Vêem frente a frente seus próprios *eus*... espantos e horrores

indescritíveis. Contudo, conforme alguém aqui no mundo físico vai dissolvendo os *eus*, estes vão se apequenando. Suponhamos que queiramos dissolver um *eu* da inveja. No princípio, será um monstro horrendo, mas à medida que trabalhamos, o *eu* vai perdendo volume, ficando cada vez menor e mais belo e, por último, toma a forma de uma criança até que se desintegra e se converte em poeira cósmica. Até aqui se cumpre o que disse o Cristo: “*Enquanto não sejais como crianças, não entrareis no Reino dos Céus...*”. Por isso, necessitamos de desintegrar todos os *eus* para que a Essência fique livre e se expresse em nós com toda a sua beleza, naturalidade e espontaneidade... Já disse que temos mais sentidos internos que externos e que devemos começar a utilizá-los. Precisamos desenvolver esse sentido da observação de nós mesmos. À medida que usamos o sentido de auto-observação, outros sentidos internos, esses também se irão desenvolvendo, isso é óbvio. Assim, queridos irmãos, necessitamos de trabalhar intensamente sobre nós mesmos. Algum outro irmão deseja perguntar?

Pergunta: *Venerável Mestre, você nos dizia que algumas pessoas estabeleceram em si mesmas um centro de gravidade permanente, e que suas Essências permanecem imutáveis, não foram deterioradas ou alteradas. Isso se refere aos Mestres-caídos, aos Bodhisattvas?*

Resposta: Bem, sobre o centro de gravidade permanente, toda pessoa que em vidas anteriores esteve neste tipo de estudos e trabalhou sobre si mesma, o possui. Pessoas assim criaram seus centros de gravidade, uns mais fortes, outros mais fracos. Quando alguém tem um centro de gravidade específico é porque trabalhou em vidas anteriores. Inquestionavelmente, ao retornar ao mundo aparecem todos os elementos de que ele necessita para avançar: livros, instrutores, enfim, tudo chega a ele.

Pergunta: *Mestre, todos os que tratamos com crianças pequenas sabemos muito bem que, em algumas ocasiões, aparecem nelas certas expressões de desgosto, isso que chamamos de rabugice. Poder-se-iam considerar tais manifestações como expressões do eu pluralizado ou de algum eu específico?*

Resposta: Sim, isto é real. Esses *eus* já se expressam com liberdade e, à medida que a criança vai crescendo, as oportunidades para a expressão dos diversos *eus* serão cada vez maiores, até que, no final, expressam-se definitivamente na pessoa todo o “eu pluralizado”, que a torna feia, horrorosa. Se através de nós se expressasse unicamente a Essência, desfrutaríamos da beleza de Deus através da qual emana, por sua vez, isso que se chama amor. Por que há tantas confusões no mundo e os *humanóides* não se entendem uns com os outros? Vou expor-lhes um caso concreto: uma dama resolve, de imediato, atender a um cavaleiro que lhe pareceu agradável e simpático. A dama o fez desinteressadamente sem que, digamos, tivesse nenhum pensamento de luxúria, porque não estava enamorada dele. Unicamente parece-lhe uma boa pessoa e ocupa-se em atendê-lo nestes ou naqueles misteres. Todavia, o que acontece? O cavaleiro possui elementos inumanos que controlam os cinco “cilindros da sua máquina orgânica”. Com isso o *ego* interpreta como lhe apraz. Nessa situação,

as boas maneiras da dama, em vez de passarem ao centro emocional, passam para o centro instintivo-sexual, surgindo no cavalheiro o *eu* da luxúria. É claro que a mente, controlada pelo sexo, como frequentemente acontece, faz com que o cavalheiro pense: “*Aquela dama está apaixonada por mim, possivelmente agrado-lhe...*” Depois ele começa a dirigir-lhe propostas sexuais e a dama se surpreende dizendo para si mesma: “*Impossível, pois eu só o estava atendendo e ele interpretou mal minha atitude, minhas boas maneiras...*” Sim, realmente mal interpretou e por quê? Porque tem o *ego* que controla os cinco “cilindros da máquina”. Se aquele cavalheiro não tivesse *ego*, se fosse unicamente a Essência que controlasse os cinco “centros da máquina”, as atenções daquela dama passariam ao centro emocional e se expressariam com alegria pura e beleza real; não haveria, pois, má interpretação. Esse exemplo que expus pode estender-se em muitos outros sentidos. Dizemos alguma coisa e a outra pessoa interpreta mal. E por que interpreta mal? Porque não entende com o centro correspondente, senão com um centro que não lhe corresponde. Emitimos um conceito intelectual e pode ser que o centro emocional (não o superior, mas o inferior) o receba e o interprete mal, pense que se está ferindo o seu amor-próprio, achando que foi lançada uma ironia, de tal maneira que reage contrariamente. Conclusão: não nos entendemos uns com os outros. E por quê? Por causa do *ego* que é uma Torre de Babel. Nós, os *humanóides*, não poderemos nos entender sobre a face da Terra enquanto tivermos o *ego*. Haverá guerras e rumores de guerra, greves, violência, ódio... enquanto não dissolvermos o *ego*. O *ego* nos tornou horripilantes, não desfrutamos da verdadeira beleza, somos espantosamente feios... Seria bom se vocês vissem quão belas são as Essências livres do *ego*! Um exemplo é o de alguém que se enche de êxtase quando penetra em um jardim e, com suas faculdades superiores, vê os *elementais* inocentes das flores desprovidos de *ego*. Os *elementais* das árvores são vistos como crianças, cheias de beleza, desprovidas de *ego*. (Sem *ego*, não há problemas entre eles, pois vivem em um verdadeiro Paraíso *Elemental* da natureza, desfrutando de preciosas faculdades da Essência livre). Dessa maneira, irmãos, enquanto estiverem assim (cheios de *egos*), será impossível gozarem da felicidade verdadeira. No entanto, no dia em que vocês conquistarem a inocência e morrerem em si mesmos, conversarão e conviverão maravilhosamente com as crianças inocentes de toda esta Criação nos Paraísos *Elementais*. Entretanto, com o *ego*, não! Assim como estão, cheios de *eus*, os príncipes do fogo, do ar, das águas e da terra fecham-lhes as portas. Os *eus* são monstros horríveis! Quando estou em meditação e, de repente, alguém vem visitar-me, recebo as vibrações horripilantes e sinistras do visitante, porque percebo seus *eus*; apercebo-me de sua presença e vejo que possuem elementos inumanos. Com quem poderíamos comparar alguém que tem *ego*? Não com Frankenstein, porque é uma ficção sem nenhum valor científico... então, com quem? Com o conde Drácula! É esse tipo de vibrações que carrega qualquer pessoa que tem *ego*. Agora vocês compreenderão porque as criaturas *elementais* da natureza horrorizam-se quando vêem alguém que possui *ego*, fogem

espavoridas... compreenderam-me? Bom, aqui, meus caros irmãos, termina esta conferência.

A LEI DO PÊNDBULO

Vamos começar nossa cátedra dizendo que a humanidade vive, certamente, entre o batalhar das antíteses, numa luta cruenta entre os opostos. Às vezes nos encontramos muito alegres, contentes; outras vezes, deprimidos e tristes. Temos épocas de progresso, de bem-estar – uns mais que outros –, de acordo com a Lei do Carma. Temos, também, épocas difíceis no aspecto econômico, social e assim por diante. Às vezes, estamos otimistas com relação à vida, noutras, ficamos pessimistas. Podemos observar sempre que depois de um período de alegria e de contentamento, segue-se uma temporada depressiva e dolorosa. Ninguém pode ignorar que estamos sempre submetidos a muitas alternâncias, no terreno prático da vida. Geralmente, às épocas que denominamos felizes seguem-se épocas angustiantes: é a Lei do Pêndulo, que governa, realmente, nossas vidas.

Vocês já viram, por exemplo, o pêndulo de um relógio: tão logo sobe pela direita, precipita-se para descer pela esquerda. A Lei do Pêndulo governa também as nações, não há dúvida. Nas épocas, por exemplo, em que o Egito florescia, às margens do Nilo, o povo judeu vivia como nômade no deserto. Muito mais tarde, quando o povo egípcio decaiu, levantou-se o povo hebreu vitorioso – é a Lei do Pêndulo. A Roma triunfante se sustentava sobre os ombros de muitos povos, porém depois fracassou – com a Lei do Pêndulo – e aqueles povos ascenderam vitoriosos.

A União Soviética apaixonou-se terrivelmente pela Dialética Materialista, mas, agora, o pêndulo começa a mudar, passando para o outro lado e, como resultado, a Dialética Materialista está ficando ou já ficou praticamente encurralada, já não possui nenhum valor. Hoje em dia, a maior produção que temos em matéria de Parapsicologia é proveniente da União Soviética. Já está comprovado, de acordo com os dados, que a União Soviética está produzindo a maior quantidade de matérias relacionadas com a Parapsicologia: utiliza o Ocultismo nas clínicas e a Parapsicologia em todos os hospitais. A União Soviética, dentro de pouco tempo, passará, exatamente, ao lado oposto do materialismo, tornar-se-á absolutamente mística e espiritual. Muitos já se dedicam ao espiritualismo e inúmeros paladinos místicos estão se sobrepujando.

O que ocorreu com a Dialética de Karl Marx? Ficou encurralada, está caindo, praticamente, no fosso do esquecimento, para dar lugar à Parapsicologia e, posteriormente, ao Esoterismo Científico, ao Ocultismo e à Ioga. Tudo isso porque o pêndulo está mudando e passando para o outro lado: da tese para a antítese.

Todos os seres humanos dependem da Lei do Pêndulo, isso é claro. Temos bons amigos, e se sabemos compreendê-los, é óbvio que podemos conservar suas amizades. Seria absurdo se quiséssemos que nossos amigos não estivessem submetidos à Lei do Pêndulo. Nunca devemos estranhar, por

exemplo, que um amigo com o qual sempre temos tido boas relações torne-se, da noite para o dia, iracundo, rabugento, irascível, áspero na conversa, com cenho franzido diante de nós. Nesses casos, há que se fazer uma reverência respeitosa e afastar-se, para que o amigo tenha tempo para aliviar-se. Pelo fato de que um dia nos faça “cara feia”, não devemos desanimar, pelo contrário, devemos compreendê-lo, porque não há ser humano que não esteja submetido à Lei do Pêndulo.

Por essa razão, vale a pena reflexionarmos. Entendo que a Lei do Pêndulo se faz muito atuante, especialmente nos nativos do signo de Gêmeos (nascidos no período entre 21 de maio e 21 de junho). Diz-se que os geminianos possuem uma dupla personalidade. Como amigos são extraordinários, maravilhosos, chegando até a se sacrificar por seus amigos, porém, quando mudam de personalidade, então, agem de forma oposta, deixando a todos desconcertados. Bom, este é, precisamente, um exemplo da ação da Lei do Pêndulo. Não quero dizer que os geminianos sejam únicos e exclusivos nessa questão. Não chegamos a isto, mas, pelo menos eles especificam, colocam essa lei em relevo, servem como padrão de medida e nos indicam como é real a Lei do Pêndulo.

Nós que conhecemos os nativos de Gêmeos já sabemos lidar com eles. Quando atua sua personalidade fatal ou manifestação negativa, não opomos nenhuma resistência e, especificamente, aguardamos que a personalidade simpática retorne à manifestação.

Tudo isso é interessante, entretanto a Lei do Pêndulo não fica demonstrada só através dos nativos de Gêmeos, como também podemos evidenciá-la em nosso organismo. Existem a diástole e a sístole no coração, isto é, a ação da Lei do Pêndulo. Diástole origina-se de certa palavra grega que significa “reorganizar”, “preparar”, “acumular”. Sístole significa “contrair”, “impulsionar”, “dirigir”, também de acordo com a terminologia grega. Durante a diástole, o coração se abre para receber o sangue, organizando e preparando até tomar uma nova iniciativa: criar condições para lançar o sangue para todo o organismo permitindo-nos viver. Contudo, apercebo-me cabalmente de que as pessoas compreendem que há uma diástole e uma sístole, sim, mas apesar disso não entendem que, entre as duas etapas, existe uma terceira fase: a de preparação, ordenamento e acumulação das potências vitais. Dir-se-ia que é muito breve o intervalo entre a diástole e a sístole, porque se trata de milésimos de segundos. Para nós, resulta demasiado fugaz, no entanto, para o mundo maravilhoso e extraordinário do infinitamente pequeno ou microcosmo, é o suficiente para realizar prodígios. Olhando as coisas a partir deste ângulo, creio que deveríamos nos orientar com esta questão da diástole, da sístole e de sua síntese organizadora.

Todas as pessoas, em suas relações ou inter-relações, vivem completamente escravizadas pela Lei do Pêndulo: tão rápido como ascendem com alegria transbordante, cantando vitoriosas, vão logo ao outro lado, deprimidas, pessimistas, angustiadas e desesperadas. A vida parece complicar-

se totalmente, de acordo com a Lei do Pêndulo. As altas e baixas monetárias; as subidas e descidas das finanças; as épocas de maravilhosa harmonia entre os familiares e os tempos de conflitos e problemas sucedem-se inevitavelmente, de acordo com a Lei do Pêndulo.

Pela nossa ótica, devemos assegurar que a Lei do Pêndulo é totalmente mecanicista. Atua em nossa mente, em nosso coração e nos centro motor-instintivo-sexual. Na mente, a Lei do Pêndulo está perfeitamente definida através do batalhar das antíteses que surge quando emitimos uma opinião. No coração, através das emoções antitéticas: estados de angústia e de felicidade, de otimismo e de depressão. No centro motor-instintivo-sexual, manifesta-se através dos hábitos, dos costumes, dos movimentos. Quando franzimos o cenho, ficamos tristes; quando ficamos deprimidos ou alegres, estamos sob o impulso do centro motor. Quando saltamos e pulamos cheios de alegria com uma boa notícia, ou quando nossas pernas tremem diante de um perigo iminente, eis a tese e a antítese da Lei do Pêndulo atuando no centro motor.

Conclusão: Somos escravos de uma mecânica. Se alguém nos dá uns golpes no ombro, sorrimos tranqüilos; se alguém nos dá uma bofetada, respondemos com outra; se alguém nos dirige uma palavra de louvor, sentimo-nos felizes; porém, se alguém nos fere com uma palavra agressiva, sentimo-nos terrivelmente ofendidos. Resumo: Somos “máquinas” submetidas à Lei do Pêndulo. Cada um pode fazer de nós o que tiver vontade. Querem ver-nos contentes? É só nos dar uns toques nas costas ou nos dizerem algumas palavras de lisonja que logo ficamos contentíssimos. Querem ver-nos cheios de ira? Digam-nos palavras que nos firam o amor-próprio ou alguma palavra dura e nos verão ofendidos e iracundos.

Desse modo, a psique de cada um de nós está submetida ao que os demais queiram. Não somos – isso é triste dizer – donos de nossos próprios processos psicológicos; somos realmente, marionetes que qualquer um maneja. Se eu quiser deixá-los contentes, basta mitigar-lhes o ódio, louvá-los, e vocês ficarão felizes. Se, por outro lado, quero que fiquem desgostosos comigo, começo a ofendê-los e, então, vocês franzem o cenho e já não me verão com “olhares doces”, como o fazem neste momento, mas sim de forma iracunda, com “olhos fuzilantes”. No entanto, se quero tornar a vê-los contentes outra vez, volto a lhes falar docemente. O resultado é que vocês se convertem, para mim, em um instrumento através do qual posso tocar melodias, sejam doces, graves, agressivas ou românticas, como eu quiser. Então, onde está essa “individualidade” das pessoas? Decerto que não a possuem, posto que não são donas dos seus próprios processos psicológicos. Quando alguém não é dono dos seus próprios processos psicológicos, não pode dizer, realmente, que possui individualidade.

Por exemplo, vocês seguem muito contentes pela rua, enquanto não houver algo que os desgoste. Vão, talvez, dirigindo o carro e, por aí, vem um louco – desses que andam ultrapassando pela direita e dando uma “fechada” no seu veículo. Isso os ofende terrivelmente. Se não protestam nesse momento com

a palavra, pelo menos reclamam através da buzina, porém, sem protestar, não ficam. O simples fato de outro carro ter ultrapassado e “fechado” o de vocês, ofendeu-os, aborreceu-os, fazendo com que vocês mudassem completamente. Iam tão contentes e logo se encheram de ira. Nessa situação, aquele carro “teve mais poder” sobre vocês, pois conseguiu manejar suas psiques e vocês não tiveram o devido controle.

Estão observando como atua a Lei do Pêndulo? Bom, mas haveria alguma forma de escaparem desta mecânica terrível da Lei do Pêndulo? Vocês crêem que exista alguma maneira de escapar? Se não houvesse, estariam condenados a viver uma vida mecânica *per secula seculorum*, amém... Claramente, tem que haver algum sistema que nos permita evadir dessa lei, ou manejá-la, isso existe, realmente. Temos que aprender a ver as coisas, na vida, tal como são. Evidentemente, qualquer coisa, na vida, possui duas faces. Uma superfície qualquer nos está indicando a existência de uma face oposta, isso é inquestionável. A face de uma moeda sugere-nos o reverso da mesma. Tudo tem duas faces: as trevas são o oposto da luz. Nos mundos supra-sensíveis, pode-se evidenciar que, ao lado de um templo de luz, existe sempre um templo tenebroso, isto é claro. No entanto, porque cometemos o erro de nos alegrar diante de algo positivo e de protestar diante de algo negativo, se são as duas faces de uma mesma coisa? Penso que o erro mais grave consiste, precisamente, em não sabermos olhar as duas faces de qualquer coisa ou circunstância. Sempre vemos, na maioria das vezes, uma face com a qual nos identificamos e gostamos. Porém, quando nos é apresentada a sua antítese, protestamos, rasgamos nossas roupas, tropejamos. Nós não queremos a Verdade, não cooperamos com o inevitável e é precisamente esse o nosso erro. Às vezes, nos identificamos com um prato da balança e, noutras vezes, com o outro; numa ocasião, vamos a um extremo do pêndulo e noutra, vamos ao outro extremo. É por esse motivo que não há paz entre nós, as nossas relações são péssimas e conflituosas. A toda época de paz, sucede uma época de guerra; e a toda época de guerra, sucede uma de paz.

Somos vítimas da Lei do Pêndulo o que é doloroso. Isso se deve, precisamente, à tempestade de todos os exclusivismos, à luta de classes, aos conflitos entre o capital e os trabalhadores.

Se pudéssemos ver as duas faces de toda questão, realmente, tudo seria diferente, porém, falta-nos compreensão. Se quisermos ver as duas faces de cada questão, faz-se necessário, à minha maneira de entender as coisas, vivermos não dentro da Lei do Pêndulo, mas dentro de um “círculo fechado”, um “círculo mágico”. Através deste vão passando todos os pares de opostos da Filosofia: as teses e as antíteses, as circunstâncias agradáveis e desagradáveis, as épocas de triunfo e de fracasso, o otimismo e o pessimismo, o que chamam de “bom” e o que chamam de “mau”. Ao redor desse “círculo mágico”, podemos ver uma alternância muito interessante. Por exemplo, depois das alegrias, seguem-se estados depressivos, angustiosos e dolorosos. Quando as pessoas riem mais, as lágrimas e os prantos serão mais abundantes. Observem e

verão que tem havido, na vida, após os instantes em que todos da família riem e estão contentíssimos, existindo só gargalhadas e alegria... uma má situação. Quando alguém vê isso em uma família, pode profetizar, com certeza absoluta, que para toda essa família reservam-se sofrimentos e lágrimas. Isso é certo, porque, na vida, tudo é dicotômico. Ao trejeito da gargalhada segue-se a carantonha fatal da suprema dor e do pranto. Aos gritos de alegria, sucedem-se os gritos de suprema dor.

Tudo possui duas faces: a positiva e a negativa, isso é óbvio. Este sinal, por exemplo, indica esoterismo. Imaginem ou reflitam sobre o que vêem aqui, no solo, observem a sombra que aparece no solo. O que se vê? O Diabo, isso é claro e, entretanto, é o signo do Esoterismo; não obstante, sua sombra, obviamente, tem a cara do Diabo. Tudo na vida é dicotômico, não há nada que não seja dicotomo.

Quando alguém se acostuma a ver as coisas a partir do centro de um “círculo mágico”, tudo muda, pois se liberta da Lei do Pêndulo. Em certa época, quando eu tinha o corpo físico de Tomás de Kempis, escrevi, em uma obra intitulada *A Imitação do Cristo*, a seguinte frase: “*Não sou mais porque me louvem, nem menos porque me vituperem, porque sempre sou o que sou*”. Tudo possui suas duas faces: o louvor e o vitupério, o triunfo e a derrota.

Quando alguém se acostuma a ver qualquer coisa, circunstância ou acontecimento, de forma íntegra, unitotal, com suas duas faces, evita muitos desenganos, frustrações e decepções. Quando tratamos com um amigo devemos, pois, compreender que ele não é perfeito, possui “agregados psíquicos” e que, a qualquer momento, poderá passar de amigo a inimigo – o que, ademais, é normal. No dia em que isso acontecer realmente, quando isso se efetivar, não passaremos por nenhuma desilusão, estaremos imunes.

Recordo-me de quando comecei o Movimento Gnóstico. Por aí, umas três ou quatro pessoas me seguiam e, certamente, coloquei todo o meu coração nessa gente, lutando para ajudá-las, para que saíssem em “corpo astral”, meditassem e estudassem a *Gnosis*. Consegui fundar certo grupo e esperava tudo, menos que alguém se retirasse, posto que me dediquei totalmente formando-o com muito amor. Claro que, quando um deles se retirou, senti como se me houvessem cravado um punhal no meu coração. Então, disse para mim mesmo: “*Por que isto quando tenho lutado tanto por esse amigo? Se a única coisa que queria é que ele marchasse corretamente pelo Caminho, se não lhe fiz nenhum mal, então, por que me traiu?* Filiou-se a outra Escola. Eu pensava em tudo, exceto que alguém que estava recebendo os Ensinamentos Gnósticos pudesse filiar-se a outra instituição. Por isso, resolvi continuar estoicamente com o meu trabalho. O grupo foi aumentando, até chegar o dia em que havia muita gente. Naquela ocasião, disseram-me, nos mundos superiores que: “*o Movimento Gnóstico era um trem em marcha, em que uns passageiros descem em uma estação, outros sobem noutra; mais à frente descem outros e adiante, outros sobem*”. Conclusão: O Movimento Gnóstico é como um trem em marcha e eu sou o maquinista que o conduz. Por esta razão é que não deveria me

preocupar. Entendi assim e, realmente, mais tarde, pude comprovar: uns passageiros sobem em uma estação e descem mais adiante e, assim, sucessivamente. Desde então, tornei-me estóico e quando uma pessoa se retirava, logo chegavam dez. “*Bom, então não há por que me preocupar tanto*”, compreendi. Desde aquela época, depois de um grande sofrimento por causa daquela pessoa que se retirou, compreendi que muito raro é o fato de alguém chegar à estação final. Isso me causou bastante dor. Que hoje um irmão se retire? Boa sorte, já não me encho mais de terrível angústia, não mais me desespero pelo irmãozinho... esses tempos já se passaram. E quando se retira alguém? Chegarão dez, vinte... Pois bem, quando há tanta gente, por algumas pessoas não devemos brigar.

Todos estão submetidos à Lei do Pêndulo: os que hoje se entusiasmam pela *Gnosis*, amanhã, desiludir-se-ão. Isso é normal, porque todos vivem dentro desta mecânica.

Aprendi, então, a ver as duas faces atuando em cada pessoa. Filia-se alguém à *Gnosis*? Ajudo-o em tudo, porém estou absolutamente seguro de que essa pessoa possivelmente não vai permanecer conosco toda a vida, não vai chegar à estação final. Como sei antecipadamente, estou imune. Coloquei-me, exatamente, no centro do “círculo mágico” para ver tudo o que se vai passando nele: cada circunstância, pessoa, acontecimento, ou sucesso com suas duas faces: a positiva e a negativa. Se alguém se situa no centro e vê passar tudo ao seu redor, sem tomar partido nem pela parte positiva nem pela negativa de cada coisa ou evento, evita, pois, muitos desenganos e sofrimentos.

O erro mais grave, na vida, é querer ver exclusivamente, um lado de qualquer questão, uma só aresta ou faceta de uma circunstância ou acontecimento. Isso é grave, porque tudo é dicotômico. Quando atua a parte negativa, então, sente-se como se lhe cravassem punhais no coração.

Há que se aprender a viver, meus amigos; vocês precisam saber viver, se é que querem ir longe, e não fazer como muitos. Porque se vocês vêem, unicamente, uma face, nada mais, não percebem a antítese, a outra face, o lado fatal e terão que passar por muitos desenganos, desencantos, muitos sofrimentos. Terminam doentes e, no fim, morrem. Por exemplo, o que fizeram com Blavatsky? Mataram-na. E quem a matou? Todos os seus caluniadores e detratores, inimigos secretos e aqueles que se diziam “amigos”. Simplesmente, a assassinaram, não com pistolas, nem com facas... falaram mal dela, caluniaram-na publicamente, traíram-na e “outras tantas ervas”. Conclusão: a pobre morreu, cheia de sofrimentos...

Francamente, lamento muito, mas esse gosto não darei aos irmãozinhos do Movimento Gnóstico. Antevejo, em cada irmãozinho, duas facetas: um irmão que hoje está conosco, que estuda nossa Doutrina Gnóstica. Procuro apreciá-lo e amá-lo, mas no dia em que se retirar, para mim será normal que se retire. Ficarei muito mais surpreendido quando alguém permanecer por muito tempo. Contudo, para aprender esta terrível lição, tive que sofrer tremendamente. Os primeiros casos, sim, foram como se cravasse um punhal no

meu coração; posteriormente, senti-me melhor, parece até que se criou um “calo” no meu coração. De maneira que, não vou deixar fazerem igual ao que fizeram com Blavatsky. Nesse caso, estou vendo as duas faces de qualquer questão; mantenho-me na terceira fase, na mesma posição em que fica o coração quando está se preparando para uma sístole: em estado de alerta, absorvendo em suas profundezas, preparando, organizando, para em seguida, recolher-se, comprimir-se e lançar o sangue para todo o organismo. Considero que é melhor estar no centro do “círculo mágico” do que nos extremos do pêndulo. No Oriente, e especialmente na China, chama-se *Tao* e significa o Trabalho Esotérico-Gnóstico, o Caminho Secreto, algo muito íntimo, o Ser. Quando uma pessoa vive no “centro do círculo” não está submetido a esse joguinho da Lei do Pêndulo; não está submetido a essas alternâncias de angústia e de alegria, de triunfo e de fracasso, de alegria e de dor, de otimismo e de pessimismo. Nesse caso, libertou-se da Lei do Pêndulo, isto é óbvio. Todavia, repito, há que se aprender a ver cada coisa através de suas duas faces – positiva e negativa – e não se identificar nem com uma, nem com outra, porque ambas são passageiras; tudo na vida passa, tudo passa...

Dentro desse mundo que poderíamos chamar de intelectual, sempre se tem uma certa aversão às opiniões. Tenho entendido que uma opinião emitida não é mais que a exteriorização intelectual de um conceito, com o temor de que o outro seja verdadeiro. Isso, naturalmente, indica excessiva ignorância, isso é grave. Aqui podemos observar a atuação das antíteses.

Não compreendo o motivo pelo qual certa pitonisa sagrada disse a Sócrates que havia “algo” entre a sabedoria e a ignorância, e que “esse algo” era a opinião. Sinceramente, ainda sabendo que aquela pitonisa era muito sagrada, não pude aceitar sua tese, porque a opinião surge da personalidade, e não do Ser. A personalidade, realmente, conduz os seres humanos para a involução submersa nos Mundos Infernais. A personalidade, como dizia em certa ocasião, tem muitos subterfúgios, é artificiosa, formada pelos costumes que nos ensinaram por essa falsa educação que recebemos nos colégios e tudo o que nos separou do Ser. Esses elementos não guardam nenhuma relação com as distintas partes do Ser, porque a personalidade é artificiosa. Como nos afasta do nosso Ser interior profundo, obviamente, conduz-nos por um caminho equivocado que nos leva para a Involução no Reino Mineral Submerso.

De modo que, penso (e o faço em voz alta) que, quando alguém não sabe algo, é preferível calar-se a opinar, porque a opinião é produto da ignorância. Alguém opina porque ignora, caso contrário, não opinaria. Alguém emite um conceito com temor de que o outro conceito seja verdadeiro. Observem esse dualismo da mente, o terrível batalhar: uma opinião se contrapõe a outra. Na realidade, a personalidade se move dentro da Lei do Pêndulo, vive no mundo das opiniões contrapostas, dos conceitos antitéticos, do batalhar das antíteses. Por isso, a personalidade não sabe nada e a opinião é produto da ignorância. Se analisarmos o que é a personalidade, que origina a opinião,

chegaremos à conclusão de que a opinião é o resultado da ignorância. De maneira que, o que a pitonisa disse a Sócrates foi equivocado.

Sócrates pergunta, também, à pitonisa do templo de Delfos, que se chamava Divinus, sobre o amor. Disse Sócrates: *“O amor é belo, inefável, sutil”*. A pitonisa responde-lhe que, propriamente, não é belo. Sócrates respondeu-lhe com assombro: *“Acaso não é belo? Não é feio?”*. A pitonisa respondeu-lhe: *“Não podes ver senão o feio, como se não existisse mais que o feio? Não podes conceber que entre o belo e o feio há algo diferente, algo distinto? O amor não é belo nem feio, é diferente e isso é tudo...”*. Como Sócrates era um sábio, teve que guardar silêncio. Claro, como aqui estou pensando em voz alta com vocês, convido-os à reflexão. Como vocês vêem o amor? Não como dizem que é, mas como vocês o vêem: belo ou feio? Algum de vocês pode me responder? Quem gostaria de responder?

Discípulo: *Mestre, quando se está namorando, é belo, e, se alguém recebe amor do ser que ama, é, pois, duplamente belo...*

Mestre: Veremos...

Discípulo: *Sempre se tem relacionado a beleza com o amor e o feio com a antítese do amor. São dois aspectos psicológicos: nossos avós, quando nos falavam das fadas, pintavam-nas como boas, belas, e quando nos falavam dos “bichos papões”, por serem maus, os descreviam como feios. Então, creio que o amor está mais além desses princípios.*

Mestre: Foram dadas duas respostas. Apesar disso, deve-se fazer uma clara diferenciação entre o que é belo e o que é o amor. De modo que não está completa a questão. Vamos ver se outra pessoa responde. E você...

Discípulo: *Pressinto que o amor está mais além desse par de opostos, transcende o belo e o feio, está mais além.*

Mestre: A resposta é muito interessante. Vamos, diz-me, irmão...

Discípulo: *O amor é inefável, porque não é uma questão intelectual; é uma questão que poderíamos chamar de “sublime”.*

Mestre: Essa resposta é mais transcendental.

Discípulo: *Mestre, considero que o amor é indefinível, quando alguém o sente, não pode expressá-lo com palavras.*

Aluna: *Mestre, diria que para nós é muito difícil dizer se o amor é belo ou feio, porque não o conhecemos.*

Mestre: Bom, escutemos a última das respostas.

Discípulo: *Penso que, como captamos tudo do ponto de vista de nossa personalidade humana, tudo é relativo, somos vítimas das circunstâncias e não aprofundamos. Então o amor foge ao nosso entendimento. Isso pertence realmente ao Ser e não à personalidade humana.*

Mestre: Estamos escutando. Quem mais vai dizer alguma coisa?

Discípulo: *O amor é do Ser, a única razão do amor é ele mesmo.*

Mestre: Está bem... Na realidade, aquela pitonisa de Delfos, que dialogou com Sócrates, praticamente, ensinou uma verdade: o amor está ainda mais além do belo e do feio. Que a beleza advém do amor é outra coisa. Por

exemplo, quando o *ego* é dissolvido, fica em nós a beleza interior e, dessa beleza, advém isso o que se chama amor. De maneira que o amor, em si mesmo, está mais além dos conceitos que se têm sobre a fealdade e sobre a beleza. Não o podemos definir porque, quando o definimos, o amor se desfigura. A pitonisa tem ou não razão? Sim, tem razão: o amor está mais além dos conceitos de fealdade e de beleza, ainda que dele advenha e resulte a beleza. Onde existe o verdadeiro amor, existe a beleza interior, isso é óbvio.

Sendo assim, irmãos, entre a tese e a antítese há, sempre, uma síntese que coordena e reconcilia os opostos. Observem que existe uma grande batalha entre os Poderes da Luz e os Poderes das Trevas. No próprio esperma sagrado existe uma luta entre os Poderes Atômicos da Luz e os Poderes Atômicos das Trevas. Em toda a Criação existe essa grande luta e as colunas de anjos e de demônios se combatem mutuamente, em todos os rincões do Universo.

Quando alguém não possui ainda a Pedra Filosofal, vê como impossível a reconciliação dos opostos: luz e trevas dentro de si mesmo. No entanto, quando alguém obtém a Pedra dos Filósofos, a “Pedra da Serpente”, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, mediante a mesma logra reconciliar os opostos em si mesmo, porque reconhece que tudo na Criação tem dupla face. É só mediante uma terceira posição, isto é, só através do *Tao*, no centro do “círculo mágico”, somente mediante a síntese, que podemos reconciliar os opostos dentro de nós mesmos, isso é óbvio.

Por isso, mister se faz aprendermos a reconciliar os opostos; faz-se necessário que nos libertemos da Lei do Pêndulo e que vivamos melhor dentro da Lei do Círculo. Alguém se liberta da Lei do Pêndulo quando se coloca na Lei do Círculo, no *Tao*, ou quando está no centro do “círculo mágico”. Nesse caso, ao seu redor, tudo passa. Ao redor de sua Consciência, que é um círculo, a Consciência global de si mesmo, a pessoa pode ver como se alternam os distintos acontecimentos, com suas duas faces ou posições, as diversas circunstâncias: os triunfos e as derrotas, os êxitos e os fracassos.

Tudo possui duas faces, e quando alguém, situado no centro, reconcilia os opostos, já não teme o fracasso econômico; já não é mais capaz de “rebentar os miolos” porque perdeu sua fortuna do dia para a noite, como têm feito muitos jogadores do Cassino de Montecarlo, que se suicidam; já não vão sofrer pelas traições dos seus amigos, tornam-se imunes ao prazer e à dor.

Vejam que extraordinário e maravilhoso! Entretanto, se nós não aprendemos a viver dentro do “círculo mágico”, se não nos radicamos exatamente no *Tao* – ponto central do “círculo mágico” –, continuaremos como estamos: expostos à lei trágica e alternante do pêndulo, que é completamente mecanicista e totalmente dolorosa.

Assim, meus queridos amigos, devemos aprender a viver inteligente e conscientemente. Infelizmente, toda a humanidade está submetida à Lei do Pêndulo. Olhamos como a mente passa de um lado para o outro. Isso é fatal! Tenho observado que não há ninguém, realmente, que não esteja submetido a essa questão das objeções. Chega uma pessoa e nos diz alguma coisa. O que

primeiro nos ocorre? Objetar, pôr tal ou qual objeção. É a Lei do Pêndulo: “Diga-me algo e logo eu te respondo também, derrube-me e te derrubo depois”. Conclusão: dor. É melhor que não procedamos mais assim, isso é terrível! Por que temos que estar objetando, irmãos? Vem-me, neste momento, à mente, um caso interessante. Faz tempo, muitos anos, encontrando-me no “mundo astral”, no interior dessa *Sephira*, tive de invocar uma Divindade, Anjo ou *Elohim*, Deva, ou, como vocês queiram denominá-la. Aquela Divindade me disse algo e, de imediato, objetei-lhe e fiquei reluzindo a antítese. De forma vulgar, eu lhes diria que a refutei. Esperava que aquele *Elohim* discutisse comigo, mas isso não aconteceu. Aquela Deidade me escutou com infinito respeito e profunda veneração. Aduzi muitos conceitos e, quando concluí, pensando que a Divindade ia tomar a palavra para rebater-me, então, com grande assombro, vi que fez o seguinte: inclinou-se reverente, deu as costas, fez meia volta e se foi. O *Deva* deu-me uma lição extraordinária, pois não objetou nada. Obviamente, aquele *Elohim* havia passado mais além das objeções. Sim, é indubitável que as objeções pertencem à Lei do Pêndulo. Enquanto alguém estiver objetando, estará submetido a essa lei.

Toda pessoa tem direito de emitir suas opiniões, pois cada um é livre para dizer o que quiser. Nós devemos, simplesmente, escutar ao que está falando, com respeito. Quando a pessoa terminar de falar nos retiraremos... Claro, alguns não procedem assim ou desta forma. Por orgulho, dirão: “*Eu não me retiro, eu não tenho que me dar por vencido ou derrotado*”. Eis aqui o orgulho supino, “intelectualóide”. Se não eliminarmos de nós mesmos o *eu* do orgulho, é óbvio que nunca lograremos a libertação final.

O melhor é que cada qual diga o que quiser dizer, mas não coloquemos objeções, porque cada qual é livre para falar o que quiser, simplesmente. No entanto, as pessoas vivem sempre fazendo objeções: objetam ao interlocutor e também a si mesmas. Claro, isso não significa que não existam o agrado e o desagrado, é claro que existem. Suponhamos que nos ordenem para limparmos uma pocilga – onde vivem os porcos – creio que não seria um trabalho muito agradável. Teríamos direito de não achar essa tarefa agradável, mas uma coisa é que tal trabalho não nos pareça agradável e outra coisa muito diferente é que ponhamos objeções, que comecemos a protestar dizendo: “*Que porcaria é esta, meu Deus. Nunca pensei que fosse descer a tal ponto! Ai de mim, desgraçado de mim... limpando um chiqueiro de porcos! Aonde vim parar...*” Bem, com isso, a única coisa que se consegue é fortificar, completamente, os *eus* da ira, do amor-próprio e do orgulho.

O mesmo ocorre no caso de uma pessoa que, a princípio, desagrada-nos. Dizemos: “*É que essa pessoa me parece tão antipática...*” Porém, uma coisa é que, no princípio, nos desagrade, e outra coisa é que estejamos pondo objeções, que estejamos protestando contra essa pessoa dizendo que é antipática, problemática, e que estejamos buscando subterfúgios para apunhalá-la e eliminá-la. Com essas objeções, a única coisa que conseguimos é multiplicar a

antipatia em nós mesmos, robustecer o *eu* do ódio, o *eu* do egoísmo, da violência e do orgulho.

Como fazemos, nesse caso, em que uma pessoa não nos agrada? Devemos conhecer a nós mesmos, para sabermos por que não nos agrada aquela pessoa. Poderia acontecer que a pessoa estivesse exibindo alguns dos defeitos que nós possuímos. Alguém tem, interiormente, o *eu* do amor-próprio e, se a outra pessoa exhibe algum desses defeitos interiores, obviamente, ela parece antipática. Por isso, em vez de fazermos objeções sobre a pessoa, protestando e brigando, é melhor nos auto-explorar para conhecer esse “elemento-psíquico” que temos internamente, causador da antipatia. Pensemos que, se nós descobrirmos tal “elemento” e o dissolvemos, a antipatia cessa. Todavia, se nós, em vez de investigar a nós mesmos, fazemos objeções, protestamos, “trovejamos”, “relampejamos” contra aquela pessoa, indubitavelmente, robustecemos o *ego*.

Dentro do “mundo do intelecto”, não há dúvida de que estamos sempre fazendo objeções que produzem a divisão intelectual: dividimos a mente entre tese e antítese, convertendo-a num campo de batalha que destrói o cérebro. Observem como essas pessoas que se dizem “intelectuais” estão cheias de estranhas manias, algumas deixam o cabelo despenteado ou de forma irreverente, coçam-se espantosamente e fazem cinquenta mil palhaçadas. Claro que isso é o resultado de uma mente mais ou menos deteriorada, destruída pelo batalhar das antíteses.

Se a todo conceito pomos objeções, nossa mente termina brigando sozinha. Como conseqüência, surgem as enfermidades cerebrais, as anomalias psicológicas, os estados depressivos da mente e o nervosismo, que destroem órgãos muito delicados, como o fígado, o coração, o pâncreas e o baço. Contudo, se nós aprendemos a não fazer objeções, deixando que cada um pense e diga o que quiser, essas lutas acabarão dentro do intelecto e, em seu lugar, advirá a paz verdadeira.

A mente da pobre gente está lutando a toda hora, espantosamente, entre si e isso conduz a um processo muito perigoso de enfermidades do cérebro e de todos os órgãos, com a destruição da mente, porque muitas células são queimadas inutilmente.

Temos que viver em santa paz, sem pôr objeções. Que cada um diga e pense o que quiser. Nós não devemos pôr objeções se quisermos seguir corretamente, com Consciência.

Portanto, há que se aprender a viver. Desgraçadamente, não sabemos viver e estamos dentro da Lei do Pêndulo. Agora, sim, reconheço – conversando, aqui, com vocês – que não é coisa fácil deixar de fazer objeções. Saímos daqui, pegamos nosso “carrinho” e, de imediato, mais adiante, alguém ultrapassa pela direita e nos “fecha”. Bem, se não dizemos nada, pelo menos buzinamos em sinal de protesto. Ainda que seja buzinando, mas protestamos. Se alguém nos diz algo no momento em que “abaixamos a guarda”, asseguro que protestamos e objetamos. É espantosamente difícil, não reagirmos. No Oriente,

já se tem refletido profundamente sobre isso; no Ocidente, também. Creio que, às vezes, há necessidade de se apelar para um poder que seja superior a nós, se é que queremos nos libertar dessa questão das objeções.

Em certa ocasião, um monge budista caminhava pelas terras geladas do Oriente, num inverno espantoso, cheio de neve e de animais selvagens. É claro que isso ocasionava sofrimentos ao pobre monge que, naturalmente, protestava e fazia suas objeções. Apesar disso, teve sorte e, quando estava desmaiando, em meditação lhe apareceu Amitaba (que é, na realidade, o Deus Interno de Gautama, o Buda, Sakya-Muni), que lhe ensinou um mantra para que ele pudesse se manter firme, sem fazer objeções. Era um mantra que o ajudaria a não ficar protestando constantemente, nem contra si mesmo, nem contra a neve e nem contra o mundo. Este mantra é utilíssimo e vou vocalizá-lo bem para que vocês o gravem em suas memórias e também nestas fitas cassete que trazem em seus gravadores:

GAAATEEE. GAAATEEE. GAAATEEE.

É melhor que soletre assim: **G-A-T-E**. Compreendo que este mantra permitiu àquele monge budista abrir o “Olho de Dagma”, e isso é interessante. Relaciona-se com a *iluminação* interior profunda e com o Vazio Iluminador.

Houve necessidade dessa ajuda porque não é fácil deixar de fazer objeções a tudo: à vida, à falta de dinheiro, à inflação, ao frio e ao calor. Muitos protestam porque está fazendo frio ou calor; reclamam porque não têm dinheiro ou porque um mosquito o picou, por tudo estão protestando. Quando alguém vive sempre reclamando de tudo, prejudica-se terrivelmente, porque o que ganha por um lado, dissolvendo o *ego*, por outro lado destrói o trabalho já feito quando faz objeções. Se estiver lutando para não sentir ira e se, no entanto, estiver fazendo objeções, obviamente, o “demônio da ira” volta e ganha mais força. Mesmo que alguém esteja lutando tremendamente para eliminar o “demônio do orgulho”, se faz objeções à má situação, a isto ou àquilo, volta a fortificar o “demônio do orgulho”. Mesmo que esteja fazendo esforços para acabar com a abominável luxúria, mas se fizer objeções em um instante dado, porque a mulher não quer ter relações sexuais com ele, ou no caso da mulher, porque o esposo não a “procura” – e cinquenta mil objeções desse tipo, então, estará fortificando o “demônio da luxúria”. De maneira que, se por um lado estamos lutando para eliminar os “agregados psíquicos” e, por outro lado, estamos fortificando-os, simplesmente estancamos. Por isso, se vocês querem, na realidade, desintegrar os “agregados psíquicos”, têm que acabar com a problemática das objeções. Se não procederem dessa forma, estancar-se-ão inevitavelmente, não progredirão de modo algum. Quero, pois, que compreendam de uma vez isso, meus estimáveis amigos. Bem, termina aqui a cátedra de hoje. Entretanto, deixaremos facultada a palavra para as perguntas que os irmãos queiram fazer. Vamos, fale irmão...

Pergunta: *Mestre, diz-se que o silêncio é a eloqüência da sabedoria. Muitas vezes, diz-se também que é tão mal calar quando se deve falar, como falar quando se deve calar. Não obstante, às vezes, é necessário falar, talvez, em momentos de defesa, quando nos estão atacando, talvez, injustamente. Gostaria que me esclarecesse este aspecto.*

Resposta: Todos têm o direito de falar, porque não são mudos, nem ninguém lhes costurou a língua. Todavia, o que não é conveniente para o nosso próprio bem, é ficar fazendo objeções, ficar protestando, “trovejando” e “relampejando” porque está fazendo calor, porque está fazendo frio, desgostoso com tudo. Isso nos conduz, naturalmente, ao fracasso. Necessitamos, repito, não fazer objeções. Deve-se dizer o que se tem que dizer: a Verdade e nada mais que a Verdade e deixar, aos outros, a liberdade para opinarem como quiserem, porque cada um é livre para dizer o que quiser. Se alguém procede assim, se a toda hora está fazendo objeções, destrói sua mente, seu próprio cérebro e ocasiona muitos danos a si mesmo. Ademais, fortifica o *ego*, em vez de dissolvê-lo. Há alguma outra pergunta?

Pergunta: *Há pessoas que vivem muito convencidas de que depois de cada momento de alegria sucede um de tristeza. Por isso se programam nesse sentido, mas não se colocam dentro do círculo protetor. Evidentemente, a essas pessoas sucede isso, mas de uma forma infalível e matemática. Tanto é assim que não desfrutam dos momentos de alegria, porque já, fatalmente, estão temendo o momento de tristeza que virá. Gostaria que nos esclarecesse um pouquinho esta questão.*

Resposta: Essas pessoas se apercebem, realmente, de que tudo da vida possui duas faces, mas, desafortunadamente, não se colocam no centro do círculo ou no *Tao*... Quando alguém está no *Tao*, sabe e vê passar, ao redor de si mesmo e de sua própria Consciência – dentro de si mesmo – todos os acontecimentos da vida com suas duas faces, pois sabe que são passageiros. Obviamente, não se identificam nem com uma, nem com outra face: reconcilia os opostos, mediante a síntese. Analisemos o caso de alguém que sabe que, a cada instante de alegria, sucede um de dor. Por outro lado, se a pessoa está radicada no centro, no *Tao*, então, reconcilia os opostos dentro de si mesmo, em seu próprio Ser, em sua própria Consciência. Então, diz: “*Sei que a toda alegria sucede uma tristeza, mas, a mim, nada disso me afeta, porque tudo é passageiro, tudo passa: as pessoas passam, as coisas passam, passam as idéias, tudo passa...*”. Conseqüentemente, pode perfeitamente viver esse acontecimento como deve ser vivido. Uma reflexão assim permitirá a tal pessoa estar no evento sem preocupação alguma. Está consciente e sabe que está vivendo um momento passageiro, não se ilude, entende a situação, conhece suas duas faces e, simplesmente, vive na Consciência. Uma pessoa, ao refletir assim, atua da mesma forma como atua o coração, quando a diástole se abre, que recebe, acumula, organiza e elabora, para depois entrar em atividade com a sístole.

COMO GERAR A LUZ DENTRO DE NÓS MESMOS

Moisés disse no Gênesis o seguinte: “Faça-se a luz e a luz foi feita!” Isso não é coisa que corresponda ao passado remotíssimo. Esse grandioso princípio que se estremecia com o primeiro instante nunca muda no tempo, é eterno. Devemos tomá-lo como realidade de momento a momento... Recordemos Goethe, grande iniciado alemão que, em suas últimas palavras, momentos antes de morrer, disse: “*Luz, mais luz!*”! Em seguida, morreu. Atualmente, Goethe reencarnou-se na Holanda, desta vez tem corpo feminino e está casada com um príncipe holandês; agora, já é uma dama holandesa de alta estirpe... isso é muito interessante, não é mesmo?

Bem, continuando o que falei com vocês antes, começaremos a estudar o que é essa luz importantíssima, porque enquanto alguém viver em trevas, anela a luz porque está cego. A pessoa que está dentro de um socavão em um subterrâneo, nas trevas, o que mais anela é a luz...

A Essência é o mais digno e o mais decente que temos em nosso interior. A Essência advém, originalmente, da Via Láctea onde ressoa a nota musical lá. Depois passa para a nota “sol” e, a seguir, vem a este mundo físico com a nota “mi”. A Essência é bela, digamos que é uma fração do princípio humano e *crístico* de cada um; é a Alma-Humana que normalmente mora no “mundo causal”. Por isso, com justa razão, diz-se que nossa Consciência em Cristo há de nos salvar. Tudo isso é certo, porém, a grave questão de nossa Consciência ou Essência é que, sendo tão preciosa, possuindo dons tão maravilhosos, poderes naturais tão preciosos, esteja aprisionada nesses “elementos indesejáveis e subjetivos” que, desafortunadamente, temos em nosso interior. Falando sinteticamente, a Essência está aprisionada em um calabouço... A Essência quer a luz, mas como? Anelando-a! Não há quem não anele a luz, a não ser que esteja demasiado perdido, pois quando se tem alguma aspiração, deseja-se a luz...

Desse modo, há que se “fazer a luz”. A questão de se “fazer a luz” é muito grave, porque implica destruir os receptáculos ou calabouços, ou seja, o antro negro onde a Essência está aprisionada, para resgatá-la, libertá-la, extrai-la dali. Tudo isso para tornar-se um verdadeiro vidente, um Ser luminoso e desfrutar dessa plenitude que, por natureza, corresponde-nos e, à qual temos, verdadeiramente, direito. Todavia, ocorre que necessitamos de uma série de atos de tremendo heroísmo para libertarmos nossas Almas e tirá-las do calabouço onde estão aprisionadas; precisamos roubá-las das trevas.

Seria interessante que vocês compreendessem, verdadeira e conscientemente, isto que estou dizendo, porque poderia até ocorrer que, ouvindo, não escutassem ou não percebessem o sentido dessas palavras. Há que saber valorizar e entender tudo o que lhes estou afirmando...

Resgatar a Alma, tirá-la das trevas, é bonito, porém não é fácil; o normal é que permaneça aprisionada. Ninguém poderia desfrutar da *iluminação* autêntica, enquanto a Essência, a Consciência ou a Alma, estiver engarrafada e aprisionada nas trevas, e isso é grave. Então, necessita-se, forçosamente, destruir, desintegrar heroicamente, com um heroísmo superior ao de Napoleão em suas grandes batalhas, ou como o heroísmo das pelejas de Morelos em sua luta pela liberdade. É preciso esse heroísmo inigualável, para poder libertar a pobre Alma e tirá-la das trevas. Necessita-se, antes de tudo, como disse aqui, na conferência passada, conhecer as técnicas e os procedimentos que conduzem à destruição desses elementos onde a Alma está engarrafada e prisioneira, para que tenhamos a *iluminação*.

Antes de tudo, há que se começar por compreender a necessidade de saber observar. Nós, por exemplo, estamos sentados nestas cadeiras; sabemos que estamos sentados, mas não observamos as cadeiras. No primeiro caso, temos o conhecimento de que estamos sentados nelas, contudo, observá-las, isso já é diferente. No primeiro caso, há, digamos, o conhecimento, mas não há observação. Para efetivarmos a observação requer-se uma observação especial; observar de que material são feitas e depois entrar em meditação, descobrir seus átomos, suas moléculas, requer uma atenção dirigida... Alguém saber que está sentado em uma cadeira já seria um exemplo de atenção dirigida. Assim, também podemos pensar muito em nós mesmos, mas isso não quer dizer que estejamos observando nossos próprios pensamentos; observá-los é distinto, é diferente. Vivemos em um mundo de emoções inferiores, onde qualquer coisa nos produz emoções inferiores. Sabemos que temos tais emoções, porém, uma coisa é alguém saber que se encontra em um estado negativo, e outra coisa é observar o estado negativo em que se encontra, que é algo completamente diferente...

Vejamos um exemplo. Em certa ocasião, um cavaleiro fez o seguinte relato a um psicólogo:

– Bem, eu sinto antipatia por determinada pessoa” (citando o nome e o sobrenome). O psicólogo respondeu:

– “Observe-a, observe-a”.

O cavaleiro então respondeu:

– “No entanto, para que eu vou observá-la se eu já a conheço?”.

O psicólogo concluiu que ele não a queria observar, que a conhecia, mas não queria observá-la. Conhecer é uma coisa e observar é outra muito diferente. Alguém pode saber que tem um pensamento negativo, contudo isso não significa que o esteja observando; uma pessoa pode saber que se encontra em um estado negativo, mas sem observá-lo. Na vida prática, vemos que, dentro de nós, há muitas coisas que deveriam nos causar vergonha: comédias ridículas, questões interiores grotescas, pensamentos doentios... saber que possuímos não significa que temos observado. Alguém poderia dizer o seguinte: “Sim, neste momento tenho um pensamento doentio”, no entanto uma coisa é saber o que se tem e outra coisa é observar, que é totalmente diferente.

Portanto, antes de alguém eliminar tal ou qual elemento psicológico indesejável, primeiramente necessita de aprender a observar o defeito com o propósito de obter uma transformação, porque certamente, se não aprende a se auto-observar, qualquer possibilidade de mudança torna-se impossível...

Quando alguém aprende a se auto-observar, desenvolve, em si mesmo, o sentido de auto-observação. Normalmente, esse sentido está atrofiado e degenerado no ser humano. Não obstante, à medida que utilizamos o sentido de auto-observação psicológica, ele vai progredindo, desenvolvendo-se.

Como primeiro ponto de vista, evidenciamos através da auto-observação que até os pensamentos mais insignificantes, as comédias ridículas que ocorram internamente sem nunca se exteriorizarem, não são próprios, são criados por outros, pelos *eus*. O grave é quando alguém se identifica com essas comédias, ridicularias e protestos, e desencadeiam a ira e outros *eus*. Quando alguém se identifica com qualquer um desses extremos interiores, o “eu-causa” recebe mais força e, assim, qualquer possibilidade de eliminação se torna cada vez mais difícil. De maneira que a observação é vital quando se trata de proporcionar uma mudança radical em nós mesmos...

Os distintos *eus* que vivem no interior de nossa psique são muito astutos e sagazes. Eles apelam, muitas vezes, para esses filmes das recordações que carregamos no centro intelectual. Suponhamos que alguém, no passado, esteve fornicando com outra pessoa do sexo oposto, e que está insistindo ou não em eliminar a luxúria. Então, o *eu* da luxúria apelará, apoderar-se-á do centro das recordações, do centro intelectual, apropriar-se-á do filme das recordações de que tenha necessidade, e o fará passar pela fantasia da pessoa. Esse *eu* se fortificará, ficará cada vez mais forte. Por todas essas coisas, vocês devem compreender a necessidade da auto-observação. Não seria possível uma transformação verdadeira e definitiva, se não aprendemos a nos auto-observar.

Conhecer não é observar, pensar também não é observar. Muitos crêem que pensar em si mesmos é observar, mas não é assim. Alguém pode estar pensando em si, porém não está se observando. É tão distinto pensar em si mesmo e observar, como a sede é diferente da água, e vice-versa. Obviamente, ninguém deve identificar-se com nenhum dos *eus*. Para se auto-observar, a pessoa precisa se dividir em duas partes ou metades: uma parte que observa e outra parte que é observada. Quando a parte que observa vê os aspectos ridículos e tolos da parte observada, há grandes possibilidades de descobrir (suponhamos, por exemplo, o *eu* da ira) que não somos esse *eu*, que ele é “outro” dentro de nós. Poderíamos exclamar dizendo: “*O eu tem ira, esse é um eu que deve morrer e vou trabalhar para desintegrá-lo!*” Porém, se alguém se identifica com esse *eu* e diz: “Eu, tenho ira, estou furioso!”, o *eu* da ira adquire mais força, tornando-se cada vez mais vigoroso. Então, como vai dissolver esse elemento, de que maneira? Por certo que não poderia. Assim, você não deve se identificar com esse *eu*, com suas zangas e tragédias, porque acaba se identificando e vivendo em suas criações *egóicas*, o que também é absurdo.

À medida que alguém vai trabalhando sobre si mesmo, vai penetrando cada vez mais profundamente, e não deve deixar de observar nenhum pensamento, por mais insignificante que seja. Qualquer desejo, por mais passageiro que seja, qualquer reação, devem ser motivos de observação, porque todos provêm de tal ou qual *eu*. Agora, se queremos fabricar a luz e libertar a Alma, vamos permitir que esses *eus* continuem existindo? Seria absurdo! Não resta outro remédio senão reduzi-los a pó. No entanto, não poderíamos reduzir à poeira um elemento *egóico* que não observamos previamente; então, necessitamos saber observar todos esses processos psicológicos.

Nesta questão, temos que cuidar também da tagarelice interior negativa, caracterizada pelas absurdas conversações íntimas, que nunca se exteriorizam e, naturalmente, necessitamos de corrigir tais processos negativos. Temos que aprender a guardar silêncio, saber falar quando se deve falar, saber calar quando se deve calar. (Isso é lei, não somente para o mundo físico, o mundo exterior, mas também para o mundo interior). A tagarelice interior negativa vem, mais tarde, a se exteriorizar fisicamente. É importantíssimo eliminar a tagarelice interior negativa porque é muito prejudicial. Temos que aprender a guardar o silêncio interior.

Normalmente, entende-se por silêncio mental quando alguém esvazia a mente de todo tipo de pensamentos, quando logra a quietude e o silêncio da mente, através da meditação. Todavia, há outro tipo de silêncio... Suponhamos que se apresente diante de nós um caso de juízo crítico, com relação a um semelhante. Quando mentalmente guardamos silêncio, não julgamos, não condenamos e ficamos calados, tanto externa como internamente, nesse caso, há silêncio interior.

As ações da vida prática, no final, devem manter-se em íntima correspondência com uma conduta interior perfeita. Quando os feitos da vida prática concordam com uma conduta interior perfeita, é sinal de que já estamos criando, em nós mesmos, o famoso “corpo mental”.

Se colocarmos as diferentes partes de um rádio ou de um gravador sobre uma mesa sem sabermos nada de eletrônica, nunca captaremos as distintas vibrações inaudíveis que pululam no Cosmo. Por outro lado, mediante a compreensão, se unirmos as diferentes partes do Conhecimento Gnóstico com o trabalho, ambos irão se completando para formar um corpo maravilhoso, o famoso “corpo da mente”. Esse corpo nos permitirá captar melhor tudo o que existe dentro de nós e desenvolverá ainda mais em nós o sentido da auto-observação íntima, e isso é muito importante.

Por conseguinte, o objetivo da observação é realizar uma mudança dentro de nós mesmos e promover uma mudança verdadeira e efetiva.

Uma vez que nos tornamos, digamos, hábeis na observação de nós mesmos, vem, então, o processo de eliminação. Observe que há propriamente três passos nessa questão: primeiro, a observação; segundo, o juízo crítico e terceiro, a própria eliminação de tal ou qual *eu* psicológico.

Ao observar um *eu*, devemos ver de que forma este se comporta no centro intelectual, conhecer todos os seus processos na mente; segundo, de que forma se expressa através do sentimento, no coração; e, terceiro, descobrir seu modo de ação nos centros inferiores: motor, instintivo e sexual.

Obviamente, no sexo, um *eu* tem uma forma de expressão; no coração, tem outra forma; no cérebro, outra distinta. No cérebro, um *eu* se manifesta através da questão intelectual: razões, justificações, evasivas e escapatórias; no coração, como um sofrimento, como um afeto, como um suposto amor, quando muitas vezes, é uma questão de luxúria; já nos centros motor, instintivo e sexual, tem outra forma de expressão: como ação, instinto e impulsos lascivos.

Citemos por exemplo, um caso concreto de luxúria: Um *eu* luxurioso, diante de uma pessoa do sexo oposto, na mente, pode ser que se manifeste com pensamentos constantes. Poderia manifestar-se no coração como afeto, como um “amor” aparentemente puro, “livre de toda mácula”, de tal maneira que alguém poderia, perfeitamente, justificar-se e dizer: *“Bem, não sinto luxúria por essa pessoa, o que estou sentindo é amor”*. Não obstante, quando a pessoa se auto-observa, quando tem muito cuidado com sua “máquina” e observa o seu centro sexual, evidencia que não há amor puro pela pessoa, mas o que há na verdade é luxúria.

Vejam quão fino é o delito. A luxúria pode, perfeitamente, disfarçar-se, no coração, de amor e escrever versos, porém é luxúria disfarçada. Se a pessoa é cuidadosa e observa esses três centros da máquina, pode evidenciar que se trata de um *eu*. Descobrimos que se trata de um *eu*, conhecendo seus processos nos centros, ou seja, sua ação no intelecto, no coração e no sexo, procede, então, com a terceira fase. E qual é a terceira fase? A execução; esta é a fase final do trabalho. Nesse caso, necessita-se de apelar para a “oração no trabalho”. Porém, o que se entende por “oração no trabalho”? A “oração no trabalho” deve ser feita com base na íntima recordação de si mesmo.

Em alguma ocasião, dissemos que há quatro tipos de homens, ou quatro estados de Consciência, para ser mais claro. O primeiro estado de Consciência corresponde ao sono profundo e inconsciente de uma pessoa, de um *ego* que deixou o corpo adormecido na cama. Apesar disso, perambula no “mundo molecular”, em “estado de coma” (ou seja, o estado inferior). Um segundo estado de inconsciência é o do “sonhador” que regressou ao seu corpo físico e que acredita que está em estado de vigília. É claro que, nesse caso, os sonhos continuam, só que a pessoa está com o corpo físico em estado de vigília. Esse segundo tipo de “sonhador” é o mais perigoso, porque pode matar, roubar e cometer crimes de toda espécie. Por outro lado, no primeiro caso, o “sonhador” está num estado mais infra-humano, muito embora não possa fazer nenhuma dessas coisas. Como poderia fazê-lo? Como poderia causar algum dano? Quando o corpo está passivo para os sonhos, a pessoa não pode causar dano a ninguém, no mundo físico. Por isso é que as Escrituras Sagradas insistem na necessidade de se *despertar*...

No caso há dois tipos de pessoas: os que se encontram, digamos, nos estados de inconsciência profunda, ou aqueles que seguem “sonhando” e têm seu corpo ativo para os sonhos, que até oram. Dos dois estados infra-humanos semelhantes não se pode esperar nada, em razão de seus aspectos negativos, entretanto a natureza responde... Por exemplo, uma pessoa inconsciente, “adormecida”, que reza para resolver um negócio; pode ser que seus *eus*, que são tão inumeráveis, não estejam de acordo com o que ela está pedindo. É tão somente um dos *eus* que está fazendo a oração e os outros não foram levados em conta. Pode ser que os demais *eus* não se interessem por tal negócio, que não estejam de acordo. Como os outros *eus* são maioria, a natureza responde com seu afluxo de forças advindo o fracasso do negócio, isso é claro!

Então, para que a oração tenha um valor efetivo, no trabalho sobre si mesmo, a pessoa precisa se colocar no terceiro estado de Consciência, que é o da íntima recordação de si mesma, isto é, de seu próprio Ser...

Absorto em profunda meditação, concentrado em sua Mãe-Divina interior, suplicando que elimine de sua psique esse *eu* que quer desintegrar. Pode ser que a Mãe-Divina, nesse momento, aja, decapitado tal *eu*, todavia nem com isso o trabalho está todo concluído. A Mãe-Divina não vai desintegrar instantaneamente todos os *eus*. Há necessidade, de quando não se desintegra tudo, de se ter muita paciência. Em trabalhos sucessivos, através do tempo... ter paciência. O *eu* se vai desintegrando lentamente, perdendo seu volume e tamanho. Um *eu* pode ser espantosamente horrível, apesar disso, à medida que vai perdendo seu volume, vai embelezando-se; depois, toma a aparência de uma criança e, por último, torna-se pó. Nesse estágio, a Consciência que estava dentro, engarrada, embutida dentro desse *eu*, se liberta. Então, a luz aumentará porque uma porcentagem da Essência é libertada. Procederemos, assim, com cada um dos demais *eus*.

O trabalho é longo e muito duro. Muitas vezes, qualquer pensamento negativo, por mais insignificante que seja, tem por fundamento um *eu* antiqüíssimo. Tal pensamento negativo que chega à mente nos indica que, de fato, há um *eu* por trás desse pensamento que deve ser extirpado, erradicado de nossa psique. Há que estudá-lo, conhecer suas manobras, compreender como se comporta e atua nos três centros: no intelectual, no emocional e no centro motor-instintivo-sexual. De acordo com seu comportamento, a pessoa vai conhecendo cada *eu*. Quando alguém desenvolve o sentido da auto-observação, evidencia, por si mesmo, que esses *eus* são espantosamente horripilantes, macabros, verdadeiros monstros que vivem no interior de nossa psique.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO À *GNOSIS*

PRIMEIRO GRAU DE INTRODUÇÃO À GNOSIS.....	115
PRIMEIRA LIÇÃO.....	116
SEGUNDA LIÇÃO.....	117
A FORÇA DO PENSAMENTO.....	118
TERCEIRA LIÇÃO.....	121
QUARTA LIÇÃO.....	125
QUINTA LIÇÃO.....	128
SEXTA LIÇÃO.....	130
SÉTIMA LIÇÃO.....	133
OITAVA LIÇÃO.....	136
NONA LIÇÃO.....	142
ESOTERISMO E PSEUDO-ESOTERISMO.....	147
O PEQUENO MUNDO EM QUE VIVEMOS.....	157
A LEI DO PÊNDULO.....	168
COMO GERAR LUZ DENTRO DE NÓS MESMOS.....	181